

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LETRAS

Dissertação de Mestrado

**“AS LENDAS COMO
PATRIMÔNIO CULTURAL-
LITERÁRIO DO VALE DO
GUAPORÉ (RO)”**

MÁRCIA ALMEIDA DOS REIS



MÁRCIA ALMEIDA DOS REIS

**“AS LENDAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL-LITERÁRIO DO VALE DO
GUAPORÉ (RO)”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito para a obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Ivânia Campigotto Aquino.

Passo Fundo

2024

CIP – Catalogação na Publicação

R3751 Reis, Márcia Almeida dos
As lendas como patrimônio cultural-literário do Vale do Guaporé (RO) [recurso eletrônico] / Márcia Almeida dos Santos – 2024.
2 MB ; PDF.

Orientadora: Profa. Dra. Ivânia Campigotto Aquino.
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2024.

1. Mitos e Lendas - Amazônia. 2. Análise do discurso.
3. Patrimônio cultural. 4. Mendes, Matias - Crítica textual.
I. Aquino, Ivânia Campigotto, orientadora. II. Título.

CDU: 82.09

Catalogação: Bibliotecária Juliana Langaro Silveira – CRB 10/2427

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação

“As lendas como patrimônio cultural-literário do Vale do Guaporé (RO)”

Elaborada por

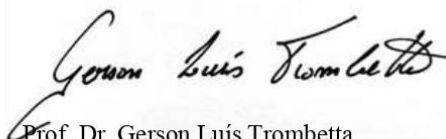
Márcia Almeida dos Reis.

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras – Projeto de Cooperação entre Instituições
- Minter FUPF/FCR, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de
Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva”

Aprovada em: 11 de março de 2024.
Pela Comissão Examinadora



Prof.^a Dr.^a Ivânia Campigotto Aquino
Presidente da Banca Examinadora -
Orientadora



Prof. Dr. Gerson Luís Trombetta
Universidade de Passo Fundo



Prof.^a Dr.^a Roseméri Lorenz
UAB - IFSUL



Prof.^a Dr.^a Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

Dedico a notável conquista como uma expressão de reconhecimento aos excelentes educadores que tive, meus estimados progenitores, Francisco dos Reis e Maria Ferreira de Almeida. Eles me transmitiram as mais valiosas lições da existência: fé, coragem, perseverança, bondade e respeito. Esses ensinamentos me permitiram superar adversidades, erguer-me diante de obstáculos e edificar meu caminho, utilizando os obstáculos para me fortalecer como ser humano.

AGRADECIMENTOS

O primeiro reconhecimento é dirigido a Deus, cuja presença foi vital em momentos nos quais a desistência se apresentava como uma opção plausível, sendo a fé o impulso que me conduziu a perseverar. Em inúmeras ocasiões, os desafios enfrentados revelaram-se imensos e dolorosos.

À minha filha, Larissa Eline Reis de Oliveira, expresso profunda gratidão, uma vez que ela se configura como a minha principal fonte de motivação para a contínua busca por aprimoramento, tanto pessoal quanto profissional.

Às minhas irmãs, Marta Reis, Mirian Reis, Socorro Reis, e, de maneira especial, Magda Reis, cuja notável resistência e superação perante um diagnóstico de câncer servem como exemplo inspirador de resiliência. Magda jamais perdeu o otimismo e manteve uma inabalável vontade de contribuir para o bem-estar alheio.

Agradeço aos meus amigos Olavo Bernardo da Rocha Filho, Laura de Paula Lobato Guerreiro, Alemmar Ferreira, Juliana Rezende, Cinthia Macedo, Helena Leite, Solange Lemos, os quais desempenham um papel significativo como impulsionadores em minha trajetória profissional e pessoal.

À ilustre equipe de professores da Universidade de Passo Fundo, cuja confiança em nosso potencial foi notável, inclusive em momentos de correção, nos quais manifestaram uma abordagem afetuosa. Em particular, minha gratidão eterna à Professora Doutora Ivânia Campigotto Aquino, que demonstrou, em diversas ocasiões, uma fé mais firme em minha pesquisa do que eu mesma. Agradeço por sua perseverança em não desistir do meu potencial e por compreender as complexidades pelas quais passei.

Expresso meu reconhecimento à Secretaria de Estado de Estado da Educação (SEDUC) e ao Governo do Estado de Rondônia, representado pelo ex-secretário de Educação, Suamy Vivecananda Lacerda De Abreu, e Dr. Pedro Abib Hecktheuer, diretor da Faculdade Católica de Rondônia. Ambos não pouparam esforços para viabilizar a celebração do convênio entre A SEDUC, a Faculdade Católica de Rondônia (FCR) e a Universidade de Passo Fundo (UPF), possibilitando a concretização de um importante marco em minha carreira profissional e na trajetória de todos os professores que compartilharam esta jornada comigo. A qualidade do sistema educacional de Rondônia avança significativamente com esta conquista.

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo geral analisar as lendas como patrimônio cultural-literário do vale do Guaporé (RO) por meio da obra *Lendas do Guaporé* (2007), de Matias Alves Mendes. Neste sentido, fizemos a seguinte problematização: a leitura da referida obra possibilita a compreensão das culturas das populações que residem em território rondoniense? Como as lendas do Guaporé se tornam patrimônio cultural da população do Vale do Guaporé. Para a elaboração do texto da dissertação foram definidos os seguintes objetivos específicos: refletir acerca das relações entre a formação do povo rondoniense, especialmente do Vale do Guaporé, e as lendas da região que são apresentadas na obra "*Lendas do Guaporé*", de Matias Alves Mendes; apresentar para Rondônia e, conseqüentemente, para o mundo esse Vale que é cercado de mistérios sustentados nas lendas do Guaporé. A obra *Lendas do Guaporé* retrata parte da formação do povo rondoniense ao tratar da história das comunidades quilombolas e de outros imigrantes que vieram para a região durante o processo de colonização e durante os ciclos econômicos. A pesquisa apresenta, ainda, estudos relacionados aos mitos e às lendas, sob diferentes perspectivas teóricas, com intuito de se entender essas narrativas como elementos pertencentes à cultura, não apenas de povos primitivos, mas também contemporâneos, que continuam buscando nas narrativas primordiais explicações para suas dúvidas e conflitos. Em seguida, conceitua mito e lenda, estabelecendo a diferença entre eles, e discorre sobre a ideia de que, na região amazônica, desde a sua colonização, o mito e a lenda têm se revelado uma via de divulgação da história cultural das comunidades que povoam essa região. A metodologia que se utilizou na produção deste trabalho foi bibliográfica, tendo como fonte basilar a obra *Lendas do Guaporé* (2007), de Matias Alves Mendes e como auxílios teóricos *Mito e realidade* (2004) de Mircea Eliade, *Amazônia: estado, homem, natureza* (2014) de Violeta Loureiro, *O poder do mito* (1990), de Joseph Campbell, *Dicionário do folclore brasileiro* (1997) e *Literatura oral no Brasil* (2006), de Câmara Cascudo e outras obras que contribuíram para a reflexão do presente tema. Na análise que segue, demonstra-se que este estudo permitiu compreender que as lendas são proponentes do sentimento primordial do homem, que imprime à cultura uma leveza, projetada pelo olhar do guaporeano. Por fim, aborda a concepção de texto como lugar de interação entre sujeito social de construção de sentido. Sob essa concepção, compreende-se que, se o texto é um lugar de interação, também é possível conceituar a língua como uma atividade interativa, social e mental, que estrutura o nosso conhecimento e permite que o nosso conhecimento seja estruturado.

PALAVRAS-CHAVE: Mitos e lendas amazônicas. Patrimônio cultural. População guaporeana.

ABSTRACT: This work aims to analyze the interface between local literature and the history of the formation of the State of Rondônia through the book "As Lendas do Guaporé" (2007) by Matias Alves Mendes. In this sense, we raised the following problem: Does reading the aforementioned book allow for an understanding of the cultures of the populations residing in Rondonian territory? Do the legends of the Guaporé Valley presented in the book reflect aspects of plausibility with the history of the people of this region? For the elaboration of the dissertation text, the following specific objectives were defined: to reflect on the relationships between the official history of the state of Rondônia and the legends of the region presented in the book "Lendas do Guaporé" by Matias Mendes; to investigate the plausibility between the legends of the Guaporé Valley and the history of the communities and State of Rondônia; to present other perspectives on the history and legends of the Amazonian region to Rondônia and, consequently, to the world. The book "As Lendas do Guaporé" portrays the formation of the people of Rondônia by addressing the history of quilombola communities and other immigrants who came to the region during the colonization process and economic cycles. The book also presents studies related to myths and legends, from different theoretical perspectives, in order to understand these narratives as elements belonging to culture, not only of primitive peoples but also contemporary ones, who continue to seek explanations for their doubts and conflicts in primordial narratives. Next, the concepts of myth and legend are defined, establishing the difference between them, and the idea that, in the Amazonian region, since its colonization, myth and legend have been a means of disseminating the cultural history of the communities that inhabit this region is discussed. The methodology used in the production of this work was bibliography, having as its basic source "Lendas do Guaporé" (2007) by Matias Alves Mendes, and as theoretical aids "Mitos e realidade (2004) by Mircea Eliade, "Amazônia, estado, homem, natureza" (2014) by Violeta Loureiro de Violeta Loureiro, *O poder do mito* (1990), de Joseph Campbell, *Dicionário do folclore brasileiro* (1997) e *Literatura oral no Brasil* (2006), de Câmara Cascudo and other works that contributed to the reflection of this theme. In the following analysis, it is demonstrated that this study allowed for an understanding that legends propose the primordial feeling of man, which imbues culture with a lightness projected through the eyes of the Guaporé native. Finally, the conception of text as a place of interaction between social subjects of sense construction is addressed. Under this conception, it is understood that if the text is a place of interaction, it is also possible to conceptualize language as an interactive, social, and mental activity that structures our knowledge and allows our knowledge to be structured.

KEY WORDS: Amazonian myths and legends. Cultural heritage. Guaporean population.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista de drone panorâmica de uma baía no Rio Guaporé - lado boliviano no fundo.....	40
Figura 2 - Representação de uma Titanoboa.	46
Figura 3 - Paisagens com muitas aves: cenas corriqueiras ao navegar no Guaporé....	55
Figura 4 - Canhões do Forte Príncipe da Beira ainda resistem ao tempo e as armas poderiam ser usadas em caso de invasão	61
Figura 5 - Real Forte Príncipe da Beira.	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 MITO, LENDAS E PATRIMÔNIO CULTURAL	12
2.1 Mitos e Lendas Como Parte Constitutiva do Patrimônio Cultural de um Povo	12
3 VALE DO GUAPORÉ: ENTRE MITO, HISTÓRIAS E REALIDADE	26
3. 1 Vale Do Guaporé: Mitos E Lendas Na Preservação Da Cultura Local	31
4 ENTRE MITOS E MISTÉRIOS: EXPLORANDO AS LENDAS DO GUAPORÉ	40
4.1 Colossos Animais Desconhecidos.....	41
4.2 O Mundo Nebuloso dos Remansos	45
4.3 Encontro com Cobras Grandes	46
4.4 O Mistério dos Mundos Subterrâneos	54
4.5 Homens Lendários	58
4.6 As Lendas sobre o Real Forte Príncipe da Beira	60
4.7 A Maldição do Real Forte Príncipe da Beira	64
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

Este texto é o resultado de pesquisa realizada a partir da análise da obra *Lendas do Guaporé*, do escritor Matias Alves Mendes, publicada em 2007 pela Scortecci Editora, em cotejo com certos aspectos da história do estado de Rondônia. A obra retrata a região do Estado de Rondônia denominada Vale do Guaporé, habitada por quilombolas e imigrantes. Esse território de inúmeras lendas e mitos, que se misturam com a história local, é o cenário cultural escolhido pelo autor. Não por acaso, Mendes é filho da referida região. As histórias são reais do ponto de vista da cultura desse povo, formado por diversos forasteiros.

A obra *Lendas do Guaporé* apresenta os “Colossos animais desconhecidos”, ‘O mundo nebuloso dos remansos” e o “Encontro com cobras-grandes”, constituindo-se em um palco do imaginário/fantástico. Tudo ocorre nesses remansos, pois são redemoinhos muito fortes, que aguçam a imaginação do povo que habita essa região.

A pesquisa é centrada na análise das lendas, especificamente as retratadas nos capítulos II, III e IV do livro de Matias Mendes, que retrata esses remansos e os "monstros" que lá habitam e tanto encantam e assustam o povo. Além disso, esses personagens são patrimônios culturais dessa população, pois são o chamariz para essa localidade. objetivo geral analisar as lendas como patrimônio cultural-literário do vale do Guaporé (RO)por meio da obra *Lendas do Guaporé* (2007), de Matias Alves Mendes..

Os objetivos específicos são: refletir sobre como as lendas podem constituir patrimônio cultural de uma comunidade na obra *Lendas do Vale do Guaporé*, de Matias Mendes.

As narrativas dessa obra empregam estratégias de escrita que as tornam intensas e com efeito de real, levando o leitor a viver cada linha traçada como se estivesse em um banco acompanhando cada situação. O leitor fica preso à narrativa, envolvido pela fusão das lendas e da História, que o confundem.

Dentre as motivações que embasam o estudo, uma das mais importantes é a percepção de que a forma como a história e a literatura da região amazônica são percebidas pelas outras regiões precisa ser redimensionada, já que ocorre uma descaracterização do nosso imaginário e uma desvalorização da nossa identidade cultural diante das outras regiões brasileiras, identidade essa que é completamente

desconhecida, posto ficar escondida por trás das árvores frondosas dessa densa floresta.

Mendes (2007) apresenta a história do Vale do Guaporé através das lendas e as comprova algumas por meio de relatos, enquanto outras são respaldadas pela cobertura jornalística da época. No decorrer da leitura, é possível compreender o motivo do surgimento de algumas lendas, enquanto outras permanecem no âmbito do imaginário e do fantástico. A riqueza dos detalhes desenha as identidades dessas comunidades no interior da floresta amazônica.

Esta pesquisa é relevante por mostrar a história de parte do Estado de Rondônia, fazendo o recorte no Vale do Guaporé, do ponto de vista das pesquisas e experiências de um escritor, poeta e amante da literatura regional. Matias Mendes é conhecido como "o Poeta do Guaporé". Ele nasceu na Colônia Lamego, em Forte do Príncipe da Beira, estudou em escola pública e carregou em sua pele a marca da história local através das lendas. O enfoque detalhado e minucioso dado às lendas evidencia sua relevância e permite uma análise aprofundada dessas narrativas como patrimônio cultural da comunidade, de modo a ampliar a visão das outras regiões sobre essa peça que completa o quebra-cabeça da literatura brasileira. Este é o grande desafio desta pesquisa. O interesse pela literatura regional, posto-chave para a realização deste trabalho, surgiu ainda na graduação, durante o estágio didático em uma escola de ensino médio.

A população de Rondônia, em geral, não está familiarizada com as diversas histórias do Estado, nem possui acesso à literatura produzida na região. Como consequência, é comum a divulgação de uma narrativa única, muitas vezes centrada apenas na construção de pontos históricos específicos, como as Três Caixas d'água e a Estrada de Ferro Madeira Mamoré. O livro de Matias Mendes, *Lendas do Guaporé*, traz à tona outras histórias e lendas, expandindo assim a percepção acerca da história desse Estado.

A realização desta pesquisa é fundamental para promover a compreensão, valorização e respeito à história e ao patrimônio cultural do povo do Vale do Guaporé, em Rondônia, Brasil. Por meio da leitura da obra de Matias Mendes, busca-se evidenciar, valorizar e divulgar o patrimônio cultural dessa população.

Ao abordar o tema das lendas como patrimônio cultural literário da história do Vale do Guaporé, este trabalho caracteriza-se por enfatizar a memória pessoal e histórica do

povo que habita essa região remota do Brasil, apontando para questões múltiplas, como a formação do Estado, seu fluxo populacional, entre outros aspectos. A história é permeada pelo imaginário amazônico e representada a partir do olhar literário de um autor local. Este trabalho justifica-se devido à importância que as lendas têm como patrimônio cultural literário da comunidade do Vale do Guaporé.

Mendes (2007) estabelece uma conexão profunda entre a história, o imaginário e o fantástico, dialogando assim com a literatura de expressão amazônica e a história do espaço onde nasceu. No âmbito nacional, a região amazônica muitas vezes é percebida como uma floresta habitada por uma população vivendo de forma primitiva. No entanto, o que Matias Mendes apresenta em sua obra são as lendas tratadas como fatos que se justificam através da história da imigração, um elemento central na formação da população que habita essa região.

Este texto dissertativo está estruturado da seguinte forma: nas primeiras seções são apresentados os conceitos de mito, lenda e patrimônio cultural, estabelecendo a diferença entre eles a partir dos seus autores. Na segunda apresenta o Mito e as Lendas na preservação da cultura local. É importante ressaltar que na região amazônica, desde a sua colonização, o mito e a lenda têm sido uma via de divulgação da história cultural das comunidades que povoam essa região. As lendas são expressões do sentimento primordial do homem, que imprime à cultura uma leveza, destacada, em nosso corpus de análise, pelo olhar do guaporeano.

Para fundamentar a teoria apresentada neste capítulo, recorreremos, entre outros estudiosos, a Joseph Campbell (1986), Mircea Eliade (2004), Gilbert Durand (1969), Câmara Cascudo (2006) e Paes Loureiro (2015). Nessa perspectiva, será demonstrado que a narrativa mítica constitui a essência da cultura amazônica e suas transformações ao longo do tempo. A lenda, como um patrimônio cultural, reflete a identidade intelectual, artística e moral do povo de Rondônia. Para embasar este capítulo, nos baseamos especialmente nos estudos dos autores Neide Gondim (2019) e Marcos Frederico Kruger (2011), além de apresentar os conceitos de imaginário segundo Durand (1997).

Nas seções seguintes, a terceira e a quarta, são analisadas as questões apresentadas na problemática, com destaque para o diálogo entre a literatura e as crenças imersas nas lendas e mitos, visando estabelecer relações mais abrangentes sobre a literatura no vasto debate que envolve o imaginário da humanidade.

2 MITO, LENDAS E PATRIMÔNIO CULTURAL

O patrimônio imaterial é um legado de natureza intangível que se perpetua por meio da transmissão de geração em geração, sendo incessantemente reconfigurado pelas comunidades e grupos que interagem com o ambiente, a natureza e a história. Esse processo dinâmico organiza um profundo sentido de identidade e continuidade, desempenhando um papel fundamental no cultivo do respeito à diversidade cultural e na promoção da expressão da criatividade humana. Em um cenário assim estruturado, os mitos e as lendas constituem esse patrimônio.

2.1 Mitos e Lendas Como Parte Constitutiva do Patrimônio Cultural de um Povo

O patrimônio imaterial, como legado intangível, perdura através da transmissão intergeracional, sendo constantemente remodelado pelas interações das comunidades e grupos com seu entorno, a natureza e a história. Este processo sonoro incute um profundo senso de identidade e continuidade, desempenhando um papel crucial na preservação da diversidade cultural e na estimulação da expressão criativa da humanidade. Num contexto tão rico, os mitos e as lendas emergem como pilares desse patrimônio, enriquecendo-o com narrativas que transcendem o tempo e o espaço, conforme a Constituição Federal, no seu artigo 216.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I. as formas de expressão;
- II. os modos de criar, fazer e viver;
- III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

No que diz respeito ao patrimônio imaterial, o texto constitucional destaca diferentes categorias que englobam expressões culturais diversas. As formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, bem como as criações científicas, artísticas e tecnológicas são reconhecidos como componentes essenciais do patrimônio cultural

brasileiro. Essa abordagem abrange desde as manifestações culturais cotidianas até as inovações científicas e tecnológicas que contribuem para a identidade do país.

Além disso, a (CF/88) menciona explicitamente a preservação de obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais, bem como os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. Essa ampla gama de elementos contempla não apenas o tangível, mas também o intangível, enfatizando a necessidade de proteção e promoção de todas as formas de expressão cultural que compõem a riqueza e diversidade do patrimônio brasileiro.

O patrimônio cultural é conceitualmente caracterizado e simbolizado, de maneira geral, por um agrupamento de elementos materiais e imateriais compreendidos em uma única e abrangente categoria: os bens culturais, os quais, segundo Gonçalves (2003, p. 23), são:

[...] simultaneamente, de natureza econômica, moral, religiosa, mágica, política, jurídica, estética, psicológica e fisiológica. Constituem, de certo modo, extensões morais de seus proprietários e estes, por sua vez, são partes inseparáveis de totalidades sociais e cósmicas que transcendem sua condição de indivíduos. (Gonçalves, 2003, p.23).

Os elementos que compõem o patrimônio cultural são, portanto, concebidos como "produções humanas resultantes dos valores adquiridos ao longo da história do indivíduo", conforme Gonçalves (2003), não apenas de sua produção, mas também no contexto da experiência espiritual e afetiva associada ao objeto ou a um fato. Quando apresentam uma dimensão tangível, um bem cultural assume a categoria de material, ou seja, é possível tocá-lo.

Contudo, a indagação pertinente a este contexto reside na seguinte questão: uma obra literária ou histórias que passam de geração em geração podem ser classificadas como patrimônio material ou imaterial? Uma obra literária que está escrita em um livro, apesar de poder ser tocado, não constitui patrimônio material. No entanto, o que está contido nele, as ideias ou ideais, ensinamentos, ou seja, quando seu conteúdo contribui para a formação cultural e a memória de um povo, assume uma natureza imaterial.

No escopo dessa distinção, é necessário diferenciar, respaldado por fundamentação teórica, o patrimônio material do imaterial. De acordo com Fonseca (2003),

Talvez o melhor exemplo para ilustrar a especificidade do que se está entendendo por patrimônio imaterial [...] seja a arte dos repentistas. Embora a presença física dos cantadores e de seus instrumentos seja imprescindível para a realização do repente, é a capacidade de os atores utilizarem de improviso, as técnicas de composição dos versos [...] que produz a cada “performance”, um repente diferente. Nesse caso, estamos no domínio absoluto do aqui e agora, tampouco sem possibilidade, a não ser por meio de algum registro audiovisual, de perpetuar esse momento. Fonseca (2003, p.66).

A literatura, como expressão da criatividade humana, transmite um patrimônio imaterial de natureza intangível. No âmbito dessa expressão artística, uma obra literária que representa rituais, danças, festividades e narrativas históricas de gerações não se configura como um produto cultural fisicamente tangível, mas sim como um elemento integrante do patrimônio imaterial.

A memória é essencial para o patrimônio de um povo, pois a partir da cultura, em suas diversas expressões, seja material ou imaterial, surge um ponto de ancoragem para sua identidade e fonte de inspiração (Carneiro, 2006, p. 20). Este não é apenas um conceito abstrato, mas sim argumentos que tocam profundamente a mente e o coração, conectando a memória com um senso de pertencimento e um lugar de referência. Esta memória se perpetua através das narrativas fantásticas que são transmitidas de geração em geração, tecendo assim um fio condutor entre o passado, o presente e o futuro.

Os bens culturais de natureza imaterial abrangem práticas e domínios da vida social expressos em saberes, ofícios, formas de celebração e manifestações artísticas ou lúdicas, bem como em lugares que servem como cenários para práticas culturais coletivas, como mercados, feiras e santuários. A (CF/88), nos artigos 215 e 216, ampliou a concepção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais tanto de natureza material quanto imaterial.

Esses dispositivos constitucionais reconhecem a inclusão, no patrimônio a ser preservado pelo Estado em colaboração com a sociedade, dos bens culturais que representam os diversos grupos que compõem a sociedade brasileira.

A definição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para patrimônio imaterial inclui práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, juntamente com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares associados a eles, reconhecidos pelas comunidades, grupos e, em alguns casos, pelos indivíduos, como parte integrante de seu patrimônio cultural. Essa

definição está alinhada com a Convenção da (UNESCO) para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em março de 2006.

No que tange ao conceito de identidade, este denota uma dimensão intrinsecamente individual no âmbito do sujeito social, estando, contudo, vinculado ao contexto coletivo e às interações sociais. De forma abrangente, a identidade refere-se ao conjunto de compreensões que um indivíduo detém acerca de si mesmo e de elementos significantes em sua existência. Essa compreensão é configurada por fontes de significado construídas socialmente, tais como gênero, nacionalidade e classe social, que servem como fundamentos para a formação da identidade do indivíduo.

Dentro desse paradigma identitário, é imperativo esclarecer duas distinções cruciais. A teoria sociológica estabelece uma diferenciação entre identidade social e autoidentidade. A identidade social está associada às características atribuídas a um indivíduo por seus pares, funcionando como um meio de categorização realizado pelos demais para reconhecer a singularidade desse sujeito. Por exemplo, o título profissional de médico implica uma série de qualidades predefinidas no contexto social, as quais são atribuídas aos indivíduos que desempenham essa profissão. A partir dessa atribuição, o sujeito se posiciona e é posicionado em seu contexto social em relação a outros indivíduos que compartilham desses mesmos atributos. (Rodrigues, 2024, *online*).

Por patrimônio cultural imaterial referimo-nos às práticas culturais, manifestações, expressões, conhecimentos, ferramentas, objetos, artefatos e espaços associados que são considerados pelos indivíduos dessas comunidades como parte de sua história e cultura. Este patrimônio, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em resposta ao ambiente, às interações com a natureza, histórias, e sentido de identidade e continuidade, promovendo assim o respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana. No âmbito desta Convenção, esse patrimônio cultural imaterial só será tido em conta se for consistente com os instrumentos de direitos humanos existentes e com os requisitos de respeito mútuo entre sociedades, grupos e indivíduos e de desenvolvimento sustentável (Bortolotto, 2011).

Chiara Bortolotto, em seu texto publicado em 2003, intitulado *A salvaguarda do patrimônio cultural na implementação da Convenção da UNESCO de 2003*, aborda a temática do Patrimônio Cultural da UNESCO de 2003, oferecendo uma visão abrangente e estruturada ao transcrever a segunda parte de sua definição nos denominados setores variados. Dentre esses setores, destacam-se a língua como veículo do patrimônio

cultural imaterial, tradições e expressões orais, práticas sociais, eventos rituais e festivos, cognições e práxis relacionadas à natureza e ao universo, além do artesanato tradicional. Essa categorização reflete uma compreensão holística do patrimônio cultural imaterial, reconhecendo sua diversidade e complexidade intrínsecas.

A inclusão da língua como veículo do patrimônio cultural imaterial ressalta a importância da comunicação verbal na transmissão de tradições e expressões orais. Assim, como componente da cultura de um grupo social, seu reconhecimento como elemento integrante desse patrimônio enfatiza a relação intrínseca entre linguagem e cultura, sublinhando a necessidade de preservar e transmitir conhecimentos e narrativas por meio da oralidade.

Os setores variados, propostos por Bortolotto, abrem caminho para uma compreensão mais ampla e inclusiva do patrimônio cultural imaterial, que vai além do tangível e incorpora as diversas dimensões da vida cultural. Os mitos e lendas desempenham um papel significativo na valorização da identidade local, conferindo-lhes uma dimensão imaterial que se converte em patrimônio cultural. Por meio dessas narrativas, as comunidades preservam e perpetuam elementos essenciais de suas histórias, tradições e crenças. Ao transformar essas histórias em patrimônio imaterial, as comunidades reconhecem a importância de preservar a riqueza de suas narrativas e mitologias como parte intrínseca de sua herança cultural.

As histórias míticas e lendárias não apenas destacam as especializadas de uma região, mas também unem as gerações ao longo das eras, criando uma ligação invisível entre o passado, o presente e o futuro. Transformar esses mitos e lendas em patrimônio imaterial é uma maneira eficaz de preservar e compartilhar valores, saberes e identidade cultural, o que, por sua vez, ajuda a manter a diversidade cultural tanto local quanto globalmente.

A pesquisa é fundamentada em Eliade, com sua obra "Mito e Realidade" (ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, [1963] 2000.), que traz o mito como tradição sagrada, revelação primordial e modelo exemplar, fornecendo ainda os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência. Compreender o sentido de estranhas formas de conduta equivale a reconhecê-las como fenômenos humanos, fenômenos de cultura, criação do espírito – e não como irrupção patológica de instintos, bestialidade ou infantilidade. Compreender os antecedentes míticos que explicam e justificam tais excessos é fundamental.

Eliade (1972) enfatiza a centralidade do mito ao fornecer modelos para a conduta humana, conferindo, assim, significado e valor à existência. Nessa perspectiva, o mito não é apenas uma narrativa fantástica, mas um guia simbólico que orienta a compreensão do mundo e das ações humanas (Eliade, 1972, p. 8). Ao apresentar padrões exemplares de comportamento, o mito não só transcende as barreiras temporais, conectando-se a uma herança cultural mais ampla, como também atribui uma dimensão sagrada à experiência humana. A capacidade do mito em conferir significado e valor à existência revela-se como uma fonte essencial para a compreensão do propósito e da orientação na trajetória humana. O mito cosmogônico é 'verdadeiro' porque a existência do Mundo está para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente 'verdadeiro' porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante. De igual forma, as lendas amazônicas são consideradas verdadeiras, tanto que não se discorre sobre a história sem citá-las.

A pesquisa é balizada em Eliade, com sua obra 'Mito e Realidade', onde o autor explora profundamente as relações entre mito e sociedade" (ELIADE, 2000, p. 173). Ao associar o mito à poesia e à metáfora, enfatiza-se sua dimensão artística e simbólica, indicando que sua verdade vai além da literalidade e se manifesta através de significados mais profundos. A expressão "penúltima verdade" sugere que o mito é uma forma de compreensão que antecede a verdade final, a qual, de acordo com a proposição, não pode ser totalmente articulada em palavras, apenas conhecida. Isso ressalta a ideia de que o mito é uma ponte entre o conhecido e o inefável, proporcionando uma via para a compreensão de verdades mais profundas e sutis, que escapam à linguagem tradicional.

No universo arcaico, a religião desempenha um papel fundamental ao abrir um domínio sobre-humano permeado por valores transcendentais, revelados por entidades divinas ou ancestrais. Esses valores são concebidos como absolutos, servindo como paradigmas para as atividades humanas. Os mitos, nesse contexto, desempenham a função crucial de despertar e manter a consciência de um mundo além, seja divino ou ancestral. Ao fazê-lo, os mitos conferem a ideia de uma realidade concreta, marcada por valores absolutos, imutáveis e duradouros, que subsistem no fluxo universal. Esses valores não apenas orientam as ações humanas, mas também conferem significado à existência, oferecendo uma certeza de que algo existe além do visível e tangível, conforme definiu Eliade (1972).

[...] no mundo arcaico a religião abre um mundo sobre-humano, dos valores transcendentais, revelados pelos entes divinos ou ancestrais: valores absolutos, paradigmas das atividades humanas; os mitos visam despertar e manter a consciência de um outro mundo, do além, mundo divino ou dos ancestrais (Eliade, 1972, p.123).

Esse mundo sagrado, transumano e transmundo, revela-se como uma fonte de certeza, desdobrando-se nas concepções fundamentais de verdade, realidade e significação, conforme afirma Eliade:

Dão a ideia de que alguma coisa existe realmente, valores absolutos, fixos, duradouros no fluxo universal, capazes de guiar o homem e dar significação à existência humana. Esse mundo sagrado, transumano e transmundo, dá certeza de que algo existe de maneira absoluta, e daí surgem as ideias de verdade, realidade e significação". (Eliade, 1972, p.124).

A existência desse domínio além do visível proporciona uma base sólida para as ideias de verdade, oferecendo uma compreensão que transcende as limitações da realidade tangível. A partir desse panorama, emerge uma certeza de que algo perdura de maneira absoluta, conferindo uma estrutura coerente e significativa à compreensão do mundo e à experiência humana. Nesse contexto arcaico, a religião e os mitos emergem como guias fundamentais, delineando uma visão de mundo ancorada em valores transcendentais e duradouros.

A visão de Cascudo (2006, p. 52) sobre expressões culturais como canto, dança, mito, fábula e tradição transcende barreiras geográficas e nos mostra a capacidade de existir e fluir que elas possuem independentemente de uma localização específica. Essas formas artísticas não estão confinadas a um espaço definido, mas, ao contrário, permeiam fronteiras, emigrando e viajando para ocupar a imaginação coletiva. A lenda, por sua vez, emerge como um elemento de fixação, conferindo um valor local específico e proporcionando explicações para hábitos e romarias religiosas. Essa visão ressalta a universalidade dessas expressões culturais, que persistem de maneira semelhante ao longo de décadas e atravessam diversas partes do mundo.

A consistência e persistência desses elementos culturais ao longo do tempo salientam que, mesmo sendo semelhantes em várias partes do mundo, mantêm notáveis semelhanças ao longo de dezenas de séculos. Essa longevidade e constância sugerem uma conexão profunda entre essas manifestações culturais e a essência da humanidade. Ao ultrapassar as barreiras temporais e geográficas, canto, dança, mito e tradição

revelam-se como elementos intrínsecos à condição humana, conectando gerações e diferentes comunidades ao redor do globo. A abordagem de Cascudo (2006) destaca a resiliência e a atemporalidade dessas expressões culturais, sublinhando seu poder de transcender fronteiras e proporcionar uma base comum para a compreensão e celebração da diversidade cultural.

Segundo Cascudo (2006, p. 53), o mito, enquanto entidade dinâmica e em constante movimento, se manifesta através do dinamismo da ação, do testemunho humano e do fluxo contínuo de mudanças. Embora possa conservar alguns caracteres somáticos distintivos que o individualizam, o mito é essencialmente moldado por costumes em constante evolução, adaptando-se às condições do ambiente em que se insere. A capacidade do mito de refletir e incorporar as nuances do ambiente ao seu redor é evidenciada nos processos de encantação e desencantação, nas razões subjacentes a castigos e no desfecho de punições. Dessa forma, o mito não é estático, mas um fenômeno fluido, em constante mutação, que responde de maneira dinâmica às demandas e influências do seu contexto.

Os costumes que permeiam o mito, como forma, mancha, grunhido, canto e rosnado, constituem elementos que se transformam de uma região para outra. Essas variações regionais demonstram a adaptabilidade do mito às peculiaridades locais e às diferentes realidades culturais. O mito, assim, não é apenas uma expressão singular e imutável, mas uma narrativa viva e em constante diálogo com as diversidades geográficas e culturais. Através das transformações nos aspectos sonoros, visuais e comportamentais, o mito revela sua natureza maleável, ajustando-se para se manter relevante e significativo em diferentes contextos.

A ideia de que o mito muda de região em região ressalta a natureza descentralizada e descentralizadora desse fenômeno cultural. Ao se adaptar e se metamorfosear em consonância com as diversas realidades locais, o mito estabelece uma ponte entre diferentes comunidades e oferece uma expressão compartilhada, mesmo que moldada por características únicas de cada lugar. Essa dinâmica regionalizada do mito não apenas enriquece sua complexidade, mas também ressalta seu papel como uma expressão cultural fluida e evolutiva.

Cascudo (2006, p. 112) explica que o mito e a lenda, conforme delineados, se distinguem em suas características fundamentais. O mito é concebido como uma narrativa de ação constante, destacando-se por sua vitalidade e presença ativa ao longo

do tempo. Ao contrário, a lenda é caracterizada por uma ação remota, inatural ou potencial, assumindo uma postura mais estática e suscetível à suspensão. A distinção entre ambos é marcada pela intensidade da ação, com o mito exibindo uma continuidade constante que o conecta tanto ao passado quanto ao presente, enquanto a lenda parece encapsular eventos mais distantes e passíveis de suspensão.

A natureza funcional do mito se revela na sua capacidade de agir e persistir ao longo dos milênios, mantendo-se relevante na contemporaneidade e se adaptando por meio de sua transfiguração em outras formas mitológicas. Em contrapartida, a lenda desempenha um papel explicativo na origem e formação de aspectos locais, elucidando a razão por trás de hábitos coletivos, superstições e costumes que evoluem para ritos religiosos sob a influência de interdependências divinas. A complexidade dessas narrativas revela-se no mito que, disfarçado em outros mitos, encontra-se envolto em credices e oculto em medos, cujas raízes se estendem profundamente no passado escuro e terrível.

A coexistência dessas formas narrativas, mito e lenda, revela a riqueza e a complexidade do patrimônio cultural. Enquanto o mito perpetua-se pela ação constante e atemporal, a lenda desempenha um papel explicativo e estático, preservando tradições e explicando a origem de práticas coletivas. Ambos desempenham um papel essencial na compreensão da identidade cultural, conectando o presente ao passado e oferecendo uma lente multifacetada para examinar a lenda.

As narrativas das lendas e mitos, em suas configurações mais rudimentares, se caracterizam por estruturas diretas e concisas. Eles mantêm uma qualidade atemporal, embora, à medida que são transmitidos oralmente ao longo do tempo, podem adquirir elementos específicos do contexto temporal e geográfico, sem que isso afete fundamentalmente sua estrutura essencial. "Na Forma Simples, ao contrário, a linguagem permanece flexível, aberta, com capacidade de adaptação e renovação constante. Geralmente, é dito que qualquer indivíduo pode relatar uma narrativa, uma saga ou uma lenda 'em suas próprias palavras" (Jolles 1976, p. 195). Consequentemente, ao contrário das formas artísticas que são solidificadas na escrita, as formas folclóricas podem ser recontadas em vários benefícios sem que sua essência seja comprometida. Guimarães (2002) destaca que a linguagem popular é descrita pela sua ênfase na comunicação eficaz. Essa forma de expressão pode ser observada tanto na oralidade quanto na escrita, e até mesmo por meio de gestos, sendo notável a

preferência pela comunicação verbal direta (Guimarães, 2002, p. 98).

Diversos pesquisadores se dedicam ao estudo dessas narrativas, buscando entender suas significações e a lógica interna que as estrutura, como Lévi-Strauss (2015, p. 11-12), que desenvolve uma abordagem influente sobre a análise dos mitos. Ele introduz a ideia de que os mitos são sistemas simbólicos complexos que refletem estruturas profundas do pensamento humano. Lévi-Strauss argumenta que os mitos não devem ser entendidos apenas como histórias isoladas, mas como componentes de sistemas culturais mais amplos.

Uma das contribuições mais notáveis de Lévi-Strauss (2015) é a noção de que os mitos podem ser analisados estruturalmente, identificando os elementos narrativos recorrentes e as relações entre eles. Ele propõe que os mitos são expressões simbólicas das contradições e tensões que existem nas sociedades humanas, argumentando que os mitos desempenham um papel fundamental na resolução dessas tensões, ajudando a manter a coesão social. Destaca ainda a importância de abordá-los como estruturas simbólicas complexas que revelam aspectos profundos do pensamento humano e da cultura.

Campbell (2007) aborda mitos e lendas a partir de uma perspectiva comparativa e universalista. Ele propõe que os mitos e lendas de diferentes culturas compartilham estruturas narrativas semelhantes, que ele chama de "o monomito" ou "o mito do herói", sugere que esta estrutura está presente em todas as culturas e que representa um padrão universal de experiência humana. Argumenta que a jornada do herói é um arquétipo fundamental que aparece em muitas culturas diferentes e que representa a jornada do indivíduo em direção à autodescoberta e à iluminação. (Campbell, 2007, p. 24).

Uma das citações mais conhecidas de Campbell (1997), que resume sua abordagem, é a seguinte: "Os mitos são relatos públicos dos sonhos privados de um indivíduo. Os sonhos são relatos privados dos mitos públicos de uma cultura" (Campbell, 1997, p. 13). O autor ressalta a interconexão entre mitos, sonhos individuais e a cultura coletiva. Ele argumenta que os mitos têm raízes profundas na experiência humana, refletindo aspirações, desafios e jornadas que são universais.

Além disso, Campbell (1997) enfatiza a importância dos mitos e lendas como fontes de orientação e inspiração na vida das pessoas. Ele argumenta que os mitos não são apenas histórias antigas, mas também guias para compreender a jornada humana

e encontrar significado na existência e analisa mitos e lendas como expressões simbólicas e narrativas que desempenham um papel fundamental na compreensão da experiência humana e na conexão entre indivíduos e culturas.

Os mitos possuem uma função explicativa e ritualística, narrando a origem do mundo, da vida, dos deuses ou dos seres humanos de forma incorporada. Eles são considerados verdades e intocáveis, e são expressões da cultura e cosmovisão de um povo ou sociedade. Por outro lado, as lendas são narrativas que contam histórias sobre seres sobrenaturais, eventos mágicos ou acontecimentos históricos recriados pela imaginação popular. Elas têm uma função de entretenimento e preservação da cultura popular, podendo ser modificadas ao longo do tempo e não são consideradas verdades ou intocáveis.

Eliade (2004) explica que os protagonistas dos mitos geralmente são deuses e entes sobrenaturais, enquanto os dos contos são heróis ou animais miraculosos. Esses personagens mitológicos não pertencem ao mundo cotidiano, mas sim a um mundo sobrenatural que é considerado sagrado pelas sociedades arcaicas. Segundo Eliade (2004),

É significativa a distinção feita pelos indígenas entre as "histórias verdadeiras" e as "histórias falsas". Ambas as categorias de narrativas apresentam "histórias", isto é, relatam uma série de eventos que se verificaram num passado distante e fabuloso. Embora os protagonistas dos mitos sejam geralmente Deuses e Entes Sobrenaturais, enquanto os dos contos são heróis ou animais miraculosos, todos esses personagens têm uma característica em comum: eles não pertencem ao mundo cotidiano. Não obstante, os indígenas sentiram tratar-se de "histórias" radicalmente diferentes. Tudo o que é narrado nos mitos concerne diretamente a eles, ao passo que os contos e as fábulas se referem a acontecimentos que, embora tendo ocasionado mudanças no Mundo (cf. as peculiaridades anatômicas ou fisiológicas de certos animais), não modificaram a condição humana. (Eliade, 2004, p. 7).

No entanto, isso não significa que o mito seja menos importante ou menos "verdadeiro" do que a realidade. Como mencionado, o mito é uma "realidade viva" e uma "verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática". O conhecimento dos mitos revela ao homem o sentido dos atos rituais e morais, indicando-lhe o modo como deve executá-los.

O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva, à qual se

recorre incessantemente; não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática (...)."Essas histórias constituem para os nativos a expressão de uma realidade primeva, maior e mais relevante, pela qual são determinados a vida imediata, as atividades e os destinos da humanidade. O conhecimento dessa realidade revela ao homem o sentido dos atos rituais e morais, indicando-lhe o modo como deve executá-los. (Malinowski *apud* Eliade, 2004, p. 101).

O texto destaca a importância vital do mito na civilização humana, apresentando-o não como uma mera fantasia, mas como uma realidade vívida e contínua. Ele ressalta que os mitos não são apenas abstrações teóricas ou obras de arte, mas sim uma expressão óbvia da religião primordial e da sabedoria prática. Além disso, aponta que essas narrativas representam uma realidade primordial que transcende a vida imediata e influencia profundamente as atividades e os destinos da humanidade. A compreensão desses mitos não apenas revela o significado dos rituais e dos princípios morais, mas também orienta o homem em sua execução. Isso sugere que os mitos têm um papel fundamental na formação da identidade cultural e no desenvolvimento moral e espiritual das sociedades humanas. Essas narrativas mostram como os nativos e suas culturas se relacionam com a Amazônia, a bacia do Rio Amazonas e os povos das florestas, revelando a multiplicidade dos ritmos da vida e do tempo e observando as indecisões da fronteira entre o real e o imaginário.

Essa ideia de que o mito e a realidade se misturam na região amazônica é semelhante à ideia apresentada por Eliade (2005), conforme sua afirmação:

[...] o mito nas sociedades arcaicas e tradicionais, reservando para uma análise ulterior as mitologias dos povos que desempenharam um papel importante na história. Isso porque, apesar das modificações sofridas no decorrer dos tempos, os mitos dos "primitivos" ainda refletem um estado primordial. Trata-se, ademais, de sociedades onde os mitos ainda estão vivos, onde fundamentam e justificam todo o comportamento e vida do homem. Isso sugere que, para as sociedades indígenas da Amazônia, o mito é uma parte integrante da vida cotidiana e que a fronteira entre o real e o imaginário é fluida e permeável. (Eliade, 2004, p. 04).

Os mitos dos "primitivos" ainda refletem um estado primordial e que as sociedades onde os mitos ainda estão vivos fundamentam e justificam todo o comportamento e vida do homem. Isso sugere que, para as sociedades indígenas da Amazônia, o mito é uma

parte integrante da vida cotidiana e que a fronteira entre o real e o imaginário é fluida e permeável.

A chegada dos imigrantes na região amazônica ampliou a imaginação dessa comunidade, construindo um patrimônio cultural. As práticas culturais e literárias dos povos amazônicos são um reflexo da diversidade cultural da região, que é composta por diferentes grupos étnicos e linguísticos. A literatura amazônica é uma forma de expressão cultural que permite a preservação e a valorização da identidade amazônica, além de contribuir para a construção de uma consciência crítica sobre a região e suas questões socioambientais.

As lendas amazônicas são transmitidas oralmente, de geração em geração, e possuem uma forte ligação com a cultura e as crenças dos povos que habitam a região da Amazônia. Os estudos antropológicos, etnográficos, bem como o folclore são fundamentais para compreender as representações culturais, os mitos e as tradições que fazem parte da vida desses povos. A antropologia estuda os aspectos sociais, culturais e simbólicos das sociedades humanas e busca entender como as lendas são transmitidas e evoluem ao longo do tempo. A etnografia é uma subárea da antropologia. Ela se dedica a estudar a cultura e os costumes de um povo por meio da observação e da descrição detalhada de suas práticas e tradições. No contexto das lendas amazônicas, a etnografia é uma ferramenta crucial para a compreensão do ambiente em que essas histórias são contadas e como são interpretadas pelas comunidades locais.

O folclore, por sua vez, é o estudo das tradições e costumes populares, incluindo lendas, mitos, músicas, danças e festividades. Ao estudar o folclore amazônico é possível entender a importância dessas histórias para a cultura popular da região e como são valorizadas e transmitidas pelos povos locais.

Eliade (2004, p.127), em particular, destacou a importância dos mitos na construção da identidade cultural de um povo e na transmissão de valores e tradições. Segundo o autor, os mitos são narrativas testemunhadas que expressam as crenças e valores de uma cultura e estabelecem uma conexão entre o passado, presente e futuro de um povo. Além disso, os mitos possuem uma função social e psicológica, proporcionando uma sensação de continuidade e segurança aos indivíduos que os abrigam. A compreensão dos mitos e das religiões é crucial para a compreensão das culturas e sociedades em que essas crenças são construídas. A análise dos mitos e rituais pode revelar as crenças, valores e tradições que moldam a vida de um povo. Além

disso, permite compreender as relações entre diferentes grupos sociais e sua conexão com o mundo natural.

As relações entre diferentes grupos sociais e sua interação com o mundo natural emergem como um tema essencial no entendimento das tradições culturais. Mendes (2007, p. 21) oferece uma perspectiva elucidativa ao definir a lenda como uma expressão da tradição popular, seja por meio de narrativas orais ou escritas. Nessa definição, as lendas tendem a conferir uma aura de fábula aos eventos históricos, muitas vezes recorrendo ao sensacionalismo para cativar os ouvintes ou leitores. A observação de Mendes ressalta a dinâmica entre a realidade histórica e a interpretação popular, evidenciando como as lendas podem moldar a compreensão coletiva dos eventos, ressaltando o papel da oralidade e da escrita na transmissão dessas narrativas.

A diferenciação entre mito e lenda, conforme destacado por Mendes (2007, p. 21), torna-se crucial para a pesquisa. Enquanto o mito frequentemente lida com narrativas que transcendem o aspecto histórico, adentrando o domínio do sagrado e do mítico, a lenda, por sua vez, busca emprestar elementos fabulosos à realidade histórica. Essa distinção é essencial para a compreensão das diversas formas como as comunidades interpretam e transmitem suas experiências, conectando-se com o mundo natural e estabelecendo uma interação rica entre a história, a oralidade e as tradições escritas.

3 VALE DO GUAPORÉ: ENTRE MITO, HISTÓRIAS E REALIDADE

A riqueza da fauna na região do Guaporé é descrita como diversificada, abrangendo uma ampla gama de espécies terrestres, aquáticas, anfíbias e diversas aves. Essa biodiversidade se estende pelos ecossistemas das florestas, campos, cerrados, rios, lagos e lagoas, proporcionando um ambiente naturalmente complexo e dinâmico. Os primitivos habitantes do Guaporé, os indígenas, desempenharam um papel fundamental na formação da região, chegando em diferentes períodos em sucessivas migrações. Esses povos contribuíram para a diversidade cultural, deixando sítios arqueológicos notáveis em Leomil/Pámela e Pedras Negras. Em sua relação com o território, buscavam a liberdade e a preservação de suas culturas, formando comunidades autônomas no vale do Guaporé antes mesmo da chegada dos bandeirantes lusos paulistas.

Da complexa interação entre indígenas e africanos escravizados, que buscavam fugir de seus senhores e das atividades mineradoras em Minas Gerais, emergiu uma identidade guaporeana marcada por características distintas. A população local, estabelecida antes dos bandeirantes, é descrita como cortês, altiva, audaz e zelosa quanto ao respeito aos direitos, não tolerando injustiças e imposições. Essa história de resistência e autonomia moldou a essência cultural e social do povo do Guaporé, tornando-o singular e vibrante em sua diversidade.

A colonização do Vale do Guaporé teve seu início em 1734, quando os bandeirantes paulistas Fernando e Arthur Paes de Barros desbravaram a região, descobrindo depósitos de ouro nas proximidades dos arraiais de Santana e São Francisco Xavier. Essa descoberta resultou na formação de um núcleo de povoamento, conforme documentado por Teixeira (2004, p. 78-79). Esse movimento colonizador levou a presença lusa a penetrar a densa floresta amazônica, conquistando terras que, de acordo com o Tratado de Tordesilhas, eram designadas à Espanha. Paralelamente, do lado boliviano do Guaporé, já existiam povoados espanhóis estabelecidos através das missões jesuíticas, criando um contexto de interação e conflito entre as influências culturais e territoriais portuguesas e espanholas na região.

A expansão colonial no Vale do Guaporé revela as complexidades geopolíticas e culturais que marcaram a história dessa região. O avanço dos bandeirantes, impulsionados pela busca por recursos minerais, desencadeou uma dinâmica que

desafiou as delimitações estabelecidas pelo Tratado de Tordesilhas. A presença simultânea de povoados espanhóis, resultantes das missões jesuíticas, destaca a coexistência de diferentes influências culturais e projetos colonizadores na área. Esse contexto de interação e, por vezes, confronto entre Portugal e Espanha, delinea a riqueza histórica e as tensões territoriais que marcaram o processo de colonização do vale do Guaporé.

A relevância estratégica da região do vale do Guaporé emergiu como um elemento central nas disputas geopolíticas que caracterizaram os conflitos entre Portugal e Espanha pelo controle da bacia amazônica. Segundo Bandeira (1988), “[...] as minas de Mato Grosso e o próprio rio Guaporé tornaram-se cruciais do ponto de vista político, motivando a Metrópole Portuguesa [...]” a estabelecer uma nova Capitânia para administrar de perto os interesses da Coroa. Em resposta a essa dinâmica, D. João V tomou a decisão estratégica de criar a Capitânia de Mato Grosso e Cuiabá em 1748, com a localização da capital sendo escolhida nas margens do rio Guaporé (Bandeira, 1988, p. 83).

A criação da Capitânia de Mato Grosso e Cuiabá representou um movimento significativo da Coroa Portuguesa para consolidar seu controle sobre a região e garantir a exploração eficaz dos recursos naturais ali presentes. A designação estratégica da capital às margens do Guaporé sublinha a importância estratégica do rio, que não apenas servia como via de transporte essencial, mas também abrigava minas valiosas em suas proximidades. Essa decisão reforçou o compromisso de Portugal em assegurar uma presença política e econômica efetiva na região, consolidando seu papel como ator dominante nos conflitos geopolíticos que moldaram a história do vale do Guaporé.

A Capitânia de Mato Grosso e Cuiabá, estabelecida às margens do Guaporé, tornou-se um centro vital para a administração colonial e a exploração econômica da região. A criação dessa instância de governo reflete a compreensão da Coroa Portuguesa sobre a importância estratégica da área e a necessidade de uma gestão direta para proteger e promover seus interesses. Essa medida também sinaliza o reconhecimento da crescente influência das minas de Mato Grosso e do rio Guaporé como ativos valiosos, moldando não apenas a dinâmica econômica, mas também a política da região no contexto das tensões geopolíticas entre as potências coloniais.

A gestão da recém-criada Capitânia de Mato Grosso e Cuiabá e a edificação de sua capital, Vila Bela da Santíssima Trindade, foram confiadas a D. Antônio Rolim de

Moura, cuja chegada a Cuiabá ocorreu em 12 de janeiro de 1751. Rolim de Moura trouxe consigo a planta da futura cidade, confeccionada em Portugal, assim como os projetos das residências elaborados no Rio de Janeiro, conforme documentado por Bandeira (1988, p. 83-86). Esse empreendimento significou a introdução do planejamento urbano na região, moldando a expansão da cidade em meio à exuberância da floresta amazônica.

A nomeação de D. Antônio Rolim de Moura como responsável pela administração e construção de Vila Bela da Santíssima Trindade destaca a centralidade dessa figura na execução dos planos coloniais. A presença de projetos elaborados no centro administrativo colonial, como o Rio de Janeiro, e a planta confeccionada em Portugal indicam a meticulosidade e a abrangência do planejamento urbano. Esse processo de urbanização revela a tentativa de Portugal em estabelecer controle estratégico sobre a região, utilizando a construção de uma cidade planejada como um meio para consolidar sua presença e explorar os recursos naturais da área. O contraste entre a ordem urbana planejada e a exuberância da natureza local destaca a complexidade da colonização na Amazônia, marcada pela interação entre elementos coloniais europeus e o ambiente tropical.

Como parte do audacioso projeto de ocupação no vale do Guaporé, a Coroa Portuguesa, visando proteger o território, decidiu militarizar a fronteira, resultando na construção do Forte Príncipe da Beira, cuja edificação ocorreu entre 1776 e 1783, persistindo como base militar do Exército do Brasil na contemporaneidade.

No entanto, para as atividades de extração de ouro, construção da capital Vila Bela da Santíssima Trindade e do Forte Príncipe da Beira, houve uma maciça utilização de mão de obra africana. Marco Teixeira destaca que, apesar das aspirações colonialistas serem portuguesas e eurocêntricas, o trabalho fundamental para a concretização desse projeto foi predominantemente realizado por africanos (Teixeira, 2004, p. 74-75), diferentemente da abordagem adotada pelos espanhóis do outro lado do Guaporé, que preferiram empregar mão de obra indígena.

Segundo Volpato (1996), os escravizados africanos chegaram a Mato Grosso juntamente com o estabelecimento do povoamento, por meio das monções oriundas de São Paulo. Contudo, após a criação da Capitânia de Mato Grosso e Cuiabá, a navegação nos rios da bacia amazônica foi liberada, possibilitando a atuação da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão. Entre 1752 e 1778, parte dos escravos destinados a Vila Bela

foi comercializada por essa empresa (Volpato, 1996, p. 215).

Assim como em outras regiões das Américas e especificamente no vale do Guaporé, os escravizados africanos resistiram à escravidão de diversas maneiras. Uma forma ousada foi a criação de quilombos, espaços reconhecidos como conquistas da liberdade, situados nas profundezas da floresta amazônica, que se tornou uma aliada dos quilombolas, fornecendo refúgio, alimentos e matérias-primas para construção de casas e canoas. Os rios também se transformaram em rotas de liberdade, oferecendo peixes e quelônios em abundância para subsistência. Além disso, os quilombolas desenvolviam práticas agrícolas adaptadas ao ecossistema amazônico, estabelecendo complexas redes de relacionamentos, assemelhando-se a outras regiões da Amazônia.

Em Vila Bela, foram estabelecidos diversos quilombos na chapada e no vale do Guaporé, sendo o Quilombo de Quariterê¹, também conhecido como Quilombo Piolho, considerado o mais significativo em Mato Grosso devido à coesão de sua organização (Bandeira, 1988, p. 118-119). De acordo com Nogueira Coelho, as origens desse quilombo remontam aos primeiros períodos de exploração das minas na região do Guaporé (Coelho, apud Volpato, 1996, p. 222).

O Quilombo de Quariterê foi atacado pela primeira vez em 1770 por uma expedição proveniente de Vila Bela, liderada pelo sargento-mor João Leme do Prado, quando já existia há cerca de 30 anos. Na ocasião, a população quilombola ultrapassava 100 pessoas, incluindo 79 negros (homens e mulheres) e aproximadamente 30 indígenas. A liderança desse quilombo era exercida pela rainha viúva Teresa, que foi capturada durante o ataque (Volpato, 1996, p. 222).

É notável o destaque conferido às mulheres quilombolas como lideranças atuantes. Conforme Nogueira Coelho, era uma mulher que governava o quilombo, auxiliada por índias e negras. Assim, mesmo em registros predominantemente masculinos, evidencia-se a participação ativa de mulheres índias e negras, colaborando com a rainha Teresa de Benguela. Teresa, em um ato de resistência ao domínio dos brancos, optou pelo suicídio em face da destruição de seu quilombo, tornando-se um símbolo da luta das mulheres negras no Brasil.

Outro aspecto notável é a presença expressiva de pessoas indígenas no Quilombo de Quariterê, caracterizando-o como um espaço interétnico que propiciou a

¹ O Quilombo do Piolho ou do Quariterê foi um quilombo localizado no atual estado do Mato Grosso, no Brasil, na segunda metade do século XVIII. O quilombo reuniu negros nascidos na África e no Brasil, indígenas, brancos e cafuzos

sobrevivência daqueles marginalizados pelo sistema escravocrata. A interação entre negros e índios resultou na aprendizagem de práticas sustentáveis na floresta amazônica, visto que eles utilizam os recursos de maneira equilibrada. Essa integração persiste até hoje (2024) no vale do Guaporé, transcendendo a fronteira natural entre Brasil e Bolívia.

Após o ataque inicial, os negros que escaparam reorganizaram-se no mesmo local, vivendo em paz por mais de 20 anos. Contudo, em 1795, uma nova expedição liderada pelo capitão-general João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres teve como objetivos a prospecção de novas jazidas auríferas e a perseguição aos escravos fugitivos, resultando no segundo ataque ao Quilombo de Quariterê (Volpato, 1996, p. 222).

Os registros da época destacam a beleza natural da localização do quilombo, a fertilidade do solo e a abundância de pesca e caça. Assim como outros quilombos no país, Quariterê era caracterizado pela fartura de alimentos, impressionando seus perseguidores. Grandes plantações de diversos produtos agrícolas sustentavam essas comunidades, que conseguiram sobreviver graças às redes de relacionamento, fornecendo suprimentos e informações sobre as ações dos perseguidores.

Gomes (1997, p. 20-21) faz uma analogia com a mitologia grega, comparando os quilombos do Guaporé, e de todo o Brasil, às Hidras de Lerna. Assim como a Hidra, que era impossível de ser destruída, pois de cada cabeça cortada nasciam outras, os quilombos do Guaporé ressurgiam em diferentes formas e cenários históricos sempre que eram atacados, persistindo até os dias atuais por meio de seus remanescentes quilombolas, que lutam pelos seus direitos garantidos pela Constituição de 1988. Isso evidencia como as pessoas negras, que eram escravizadas, se tornaram sujeitos sociais, construindo suas histórias de resistência e lutas que perduram através de suas gerações.

A partir do final do século XVIII, observa-se uma considerável diminuição na produção de ouro e no movimento comercial em Vila Bela. No início do século XIX, Vila Bela e todo o vale do Guaporé entraram em um estado profundo de decadência e abandono, agravado pela formalização de Cuiabá como a capital da Província de Mato Grosso por meio da Lei nº 19 de 28 de agosto de 1835. Diante da inviabilidade econômica da região, os proprietários de pessoas negras escravizadas mudaram para áreas mais prósperas nas proximidades de Cuiabá, deixando, curiosamente, a maior parte de seus escravos em Vila Bela, que se transformou em uma cidade exclusivamente habitada

pelas populações negras.

Evidências indicam que, com o abandono da região do Vale do Guaporé pelos senhores brancos, muitos quilombolas que se refugiaram em afluentes do Guaporé, como do Riozinho e de São Miguel, migraram para as margens desse rio principal, estabelecendo-se como agricultores e extrativistas, sem o risco de serem recapturados. Assim, desde Vila Bela da Santíssima Trindade até o Forte Príncipe da Beira, vários povoados negros, como Laranjeiras, Rolim de Moura do Guaporé, Tarumã, Pedras Negras, Santo Antônio do Guaporé, Santa Fé e Forte Príncipe da Beira, foram formados após o declínio do sistema, representando a construção de novas formas de viver e saber, pautadas na liberdade e na sustentabilidade ambiental.

3. 1 Vale Do Guaporé: Mitos E Lendas Na Preservação Da Cultura Local

O presente capítulo tem como propósito a exposição das narrativas presentes na obra *Lendas do Guaporé* do autor Matias Mendes, com ênfase nas histórias relacionadas ao território do Guaporé, o rio em si e sua fronteira com a Bolívia, que faz parte da bacia amazônica. Este trabalho busca evidenciar como essa obra serve como um repositório de elementos essenciais do patrimônio cultural da comunidade, abrangendo encantos, mistérios, crônicas, fábulas, fatos verificáveis, registros históricos, entre outros, que enriquecem o imaginário das pessoas que habitam a região e transitam por suas florestas equatoriais e rios. Vale notar que o autor demonstra confiança nos relatos compartilhados por seus narradores nativos.

Nesse sentido, *Lendas do Guaporé* representa uma homenagem aos habitantes que contribuíram para a preservação da soberania brasileira na margem oriental do imponente rio Guaporé. A obra resgata memórias de uma comunidade humilde, porém destemida e corajosa, assim como aspectos da vida do próprio autor durante sua infância e juventude quando residia na região. Além disso, a narrativa serve como um ato de protesto de um filho daquela terra contra a exploração desenfreada que ameaça apagar os vestígios históricos presentes no vale do rio, destacando a importância de preservar essa rica herança cultural.

Essa obra constitui-se em espaço de organização de elementos fundamentais do patrimônio cultural da comunidade, pois são descritos os encantos, os mistérios, as crônicas, as fábulas, os fatos comprováveis, os registros de histórias, dentre outros, que movimentam a ludicidade das pessoas que habitam e passam pelas trilhas/florestas

equatoriais, ou pelos rios. Percebe-se que o autor não duvida dos relatos ouvidos por seus narradores nativos.

A narrativa “Lendas do Guaporé” é uma homenagem aos habitantes que desempenharam um papel crucial na preservação do território brasileiro às margens do majestoso Guaporé. Ela resgata lembranças de uma comunidade humilde, agressiva e determinada, assim como da vida do próprio autor durante sua infância e juventude na região. Além disso, a obra representa uma manifestação de respeito e preocupação por parte de um filho daquela terra diante da ameaça iminente da exploração predatória, que poderia apagar os vestígios históricos encontrados ao longo do vale do rio.

Matias Mendes nasceu no Vale do Guaporé, uma região abençoada pela natureza com paisagens deslumbrantes e uma flora diversificada, que inclui matas cerradas, campos, vegetação aquática e uma rede de rios que correm pelo vale. O rio Guaporé, que nasce no planalto dos Parecis, a leste, e no sopé da Cordilheira dos Andes, a oeste, é o principal rio da região. Suas volumosas águas correm por diversos canais como os do arquipélago de São Simão. O rio possui longos trechos de meandros sinuosos, corredeiras rochosas, baías tranquilas, lagos serenos e lagoas profundas habitadas por criaturas monstruosas, desconhecidas e agressivas, que são provavelmente remanescentes da fauna marinha de um mar que existiu no interior da América do Sul.

Em uma piscina no rio Madeira, em frente aos armazéns Madeira-Mamoré, onde estava ancorado o casco do navio Rio Aripuanã servindo de cais, desde 1912 estava uma cobra monstruosa que havia sido vista diversas vezes pela tripulação do vapor estacionado lá. O desaparecimento de vários indivíduos que se aventuraram a pescar no pontão durante a noite, cujos corpos nunca foram encontrados, foi atribuído ao monstro, como aconteceu recentemente com um sírio, e na noite de 30 para 31 de outubro com o bombeiro Francisco Miranda do Tripulação do paquete "Belém".(Mendes, 2007, p. 102).

A narrativa evoca elementos folclóricos e lendários, trazendo à tona histórias e mitos que permeiam a cultura da região. Além disso, a referência a eventos específicos, como o desaparecimento de indivíduos, adiciona um toque de realismo à narrativa, aumentando ainda mais o suspense e o interesse do leitor.

Meu querido amigo Electo Azevedo e eu estávamos conversando um dia, e ele me disse ter problemas de insônia e, para passar o tempo, lia e relia meus livros. Mas ele não. Não concordo comigo que a grande cobra era uma lenda. Deixe-me contar uma história que aconteceu comigo, que prefiro guardar para mim para não ser tachado de mentiroso. Eu era barqueiro no rio Tapajós, em Santarém, e havia um trecho perto de sua foz, onde desembocava no rio Amazonas, que não era navegado em determinado horário da tarde. Se alguém inadvertidamente navegasse

por ele, seu barco seria destruído e seus destroços flutuariam nas águas dos rios sem seus ocupantes. (Mendes, 2007, p. 102).

O Vale do Guaporé se estende por mais de mil milhas, desde o Chapadão dos Parecis até as cordilheiras de Pacaás-Novos, e é notável por abrigar uma das maiores concentrações da raça negra em nosso país. Embora haja registros de incursões de aventureiros por aquele vale desde meados do século XVI, foi a partir da segunda metade do século XVIII que o vale começou a ser efetivamente desbravado, com a descoberta de minas de ouro pelos bandeirantes Antônio Almeida Morais e Tristão da Cunha Gago, no rio Corumbiara, em 1745.

Embora tenha havido um movimento migratório em direção ao Vale do Guaporé a partir do século XVIII, há indícios de que os homens negros já estavam fixando residência na região antes mesmo disso, talvez beneficiados pela distância, o que dificultava a ação dos caçadores de escravos. Com abundância de caça e pesca, além de excelentes terras para a agricultura, o Vale do Guaporé tornou-se um verdadeiro paraíso para aqueles que ansiavam pela liberdade e tinham coragem para conquistá-la a qualquer preço.

Apesar de não haver notícias de que os portugueses tenham planejado qualquer colonização para o Vale do Guaporé, a região era defendida com afinco para evitar a invasão dos espanhóis na margem oriental do rio. A Coroa Portuguesa tinha grande preocupação com as jazidas de minerais preciosos exploradas em ambas as margens do rio.

Embora ainda não exista literatura específica sobre as lendas guaporeanas, os habitantes primitivos do Vale do Guaporé, seguindo a tradição africana de transmitir oralmente informações de geração para geração, conservaram muitas lendas. No Vale do Guaporé, o boto não é temido como na região do Baixo Amazonas, onde é caçado por sua carne e órgãos genitais. A filosofia daquele povo que vive distante da civilização moderna é não eliminar animais que não lhes servem de alimento ou alguma outra utilidade prática, e assim não há caça ao boto no Vale do Guaporé. Embora o boto não seja objeto de mitos na região, as lendas mais interessantes da região guaporeana têm origem em suas águas, sobretudo em seus numerosos remansos, que são recantos do rio de profundidade incomum e correnteza quase nula.

O rio Guaporé estende-se por mais de 1700 milhas, com aproximadamente 1000 milhas navegáveis e três cachoeiras importantes localizadas a pouco mais de 100 milhas

de sua foz. Durante a estação das vazantes, sua profundidade média varia entre 8 e 10 metros, embora em alguns trechos possa ser inferior a um metro. Já na estação das cheias, o nível da água aumenta significativamente. Existem áreas ao longo do rio que alcançam profundidades inexplicáveis de 50 a 100 metros, conhecidas como "remansos", que são altamente apreciadas pelos moradores locais.

De acordo com a crença popular, esses locais profundos abrigam grandes animais que às vezes emergem das profundezas de maneira imprevisível, alguns dos quais têm origem desconhecida, embora a maioria dos relatos sugira que sejam cobras gigantes. No entanto, há quem acredite em possibilidades ainda mais fantásticas, tornando certas partes do rio tão misteriosas quanto o Triângulo das Bermudas. Em alguns casos, as histórias são tão incríveis que sugerem a existência de mundos subaquáticos, com Atlântidas ocultas sob a superfície da água doce, de onde supostamente se ouvem sons de animais e até mesmo vozes humanas. Diz-se também que esses lugares são habitados por seres humanos que navegam em canoas e fazem visitas às pessoas que vivem nas margens do rio, às vezes ameaçando-as, embora seja difícil determinar a veracidade dessas histórias.

Ao analisar as lendas e mitos do Vale do Guaporé, narrados pelo escritor Matias Mendes, compreendemos que o contato com essas histórias pode ser enriquecedor, tanto para os moradores locais quanto para o restante do Brasil. Isso porque permite uma maior compreensão das tradições culturais locais e a valorização de sua própria cultura. No entanto, é crucial que possamos conceituar corretamente o que é uma lenda e um mito.

A produção literária de Mendes (2007) delineia uma visão vívida da Amazônia, cujos contornos se tornam tão nítidos quanto os próprios rios que a serpenteiam. Nessa representação, as lendas e mitos emergem de forma latente, destacando a busca pela identidade brasileira por parte da população que reside nos emaranhados frondosos de árvores gigantes. Segundo Hatoum (1987), o espaço de identidade assume a complexidade de uma selva repleta de significados, revelando-se como um território fértil para a exploração das complexas problemáticas humanas. Este espaço, meticulosamente retratado, almeja encontrar um espaço idealizado dentro da esfera literária, onde as nuances da experiência humana na Amazônia possam ser plenamente compreendidas e apreciadas.

Lendas do Guaporé representam essa dimensão literária. Então, entre diferenças e semelhanças, observa-se a inserção da realidade identitária cultural amazônica, de onde surge um mundo desconhecido, mítico, enigmático e constantemente procurado pelos curiosos.

Através desta investigação acerca da obra *Lendas do Guaporé*, torna-se perceptível que, na perspectiva da comunidade local, as lendas transcendem a mera condição de narrativa fantástica, configurando-se como expressões de uma realidade genuína e fascinante.

As narrativas referentes às lendas dos colossos, animais desconhecidos, os nebulosos remansos e o encontro com as cobras-grandes são submetidas a novas abordagens e ajustes à realidade da comunidade em consideração, à medida que ocorre a chegada de imigrantes. A assimilação dessas lendas pelos imigrantes e o consequente influxo de perspectivas inovadoras conferiram uma dimensão renovada à mitologia local, enriquecendo a floresta com um encanto aprimorado. Nesse contexto, os elementos constitutivos da identidade da comunidade se entrelaçam intrinsecamente com os significados atribuídos à vida e os encantos que permeiam seu universo imaginativo.

As lendas, em certas circunstâncias, estão sujeitas a uma relocação geográfica, fenômeno capaz de ocasionar perplexidade mesmo entre indivíduos familiarizados com as lendas de uma região específica. Entretanto, é pertinente ressaltar que em algumas instâncias, narrativas que gradualmente adquirem status lendário ao longo do tempo podem ser esclarecidas mediante a consulta a registros históricos que, com o decorrer dos anos, foram relegados ao esquecimento em obras antiquadas. No contexto das lendas vinculadas ao Forte do Príncipe, observa-se a menção de uma lenda associada aos laranjais, embora as pessoas mais idosas residentes na região do Forte do Príncipe² desconheçam tal narrativa. Este desconhecimento pode ser justificável à luz das complexidades inerentes à transmissão oral de tradições, bem como às nuances da evolução histórica e geográfica das lendas.

A localidade identificada como Vale do Guaporé, abarcando uma extensão que transcende mil quilômetros, desde o Chapadão dos Parecis até as cordilheiras do Pacaás-Novos, destaca-se pela notável presença de uma das maiores concentrações

² Considerado a maior edificação militar portuguesa construída fora da Europa, durante o período do Brasil Colonial, o Real Forte Príncipe da Beira, próximo ao rio Guaporé, teve sua construção em 1775 e está localizado no município de Costa Marques, distante 730 km da capital Porto Velho. Destacado como imponente e importante obra da engenharia militar portuguesa, é considerado Patrimônio Nacional e o monumento mais antigo do Estado de Rondônia.

de população afrodescendente no território brasileiro. O efetivo processo de colonização desta região teve seu início na segunda metade do século XVIII, embora subsistam registros de incursões efetuadas por exploradores europeus no vale já no século XVI.

A narrativa referente à expedição do explorador português Aleixo Garcia na região em questão tem suscitado controvérsias, uma vez que, embora diversos autores tenham corroborado tal relato, alguns historiadores de épocas anteriores questionaram sua autenticidade. Em uma publicação datada do início do século passado, um indivíduo denominado Baltasar da Silva Lisboa chegou a conjecturar que a jornada de Aleixo Garcia poderia ser categorizada como uma lenda.

No entanto, há bases históricas mais substanciais concernentes à expedição do espanhol Nuflos de Chávez, que, segundo diversos autores, teria transcorrido pelo Vale do Guaporé nos anos de 1541 e 1542. Não obstante, os registros históricos mais confiáveis vinculados à efetiva colonização do Vale do Guaporé remontam ao século XVIII, em decorrência da descoberta de depósitos auríferos pelos bandeirantes Antônio Almeida Morais e Tristão da Cunha Gago, no rio Corumbiara, no ano de 1745. A partir do século XVIII, iniciou-se o primórdio do movimento migratório em direção ao Vale do Guaporé. Entretanto, existem evidências substanciais que sugerem que indivíduos de ascendência africana já estabeleciam residência nessa região anteriormente ao início do expressivo fluxo migratório em direção ao Vale do Guaporé. Neste contexto, é relevante salientar que, mesmo antes da promulgação de legislações destinadas à abolição da escravidão, muitos indivíduos de origem africana viviam de maneira autônoma nas proximidades do rio Guaporé. Este fenômeno possivelmente foi facilitado pela considerável distância geográfica que impedia, em grande medida, as incursões dos caçadores de escravos na região.

O Vale do Guaporé, caracterizado por uma fauna e pesca abundantes, além de terras férteis propícias à atividade agrícola, emergiu como um autêntico refúgio para aqueles que almejavam a liberdade e estavam determinados a conquistá-la a despeito de quaisquer adversidades. É plausível sugerir que essa propensão à busca pela liberdade pode ter influenciado a notável presença de indivíduos de ascendência africana que habitavam o Vale do Guaporé, os quais se destacavam por sua dignidade e autoconfiança. É importante observar que não há registros indicando que os portugueses tenham planejado uma colonização organizada para o Vale do Guaporé, embora tenham defendido vigorosamente a região, com o intuito de evitar a penetração dos espanhóis

na margem oriental do rio. Contudo, é sabido que o foco principal da Coroa Portuguesa estava voltado para as ricas jazidas de minérios preciosos que eram exploradas em ambas as margens do rio.

Mesmo que ainda não existam produções literárias formais dedicadas ao estudo das lendas do Vale do Guaporé, os habitantes autóctones da região, em consonância com a tradição africana de transmissão oral de conhecimentos de uma geração para outra, foram capazes de preservar uma parcela substancial do que pode ser categorizado como lendário. No âmbito desta pesquisa de mestrado, a análise das lendas específicas do Vale do Guaporé transcende as narrativas mitológicas comumente reconhecidas e difundidas em várias sub-regiões da Amazônia. No presente contexto, as lendas abarcam uma extensa gama de eventos de natureza misteriosa, incorporando relatos relacionados a locais geográficos, animais e figuras individuais. De forma intrigante, no Vale do Guaporé, a presença do boto, uma figura temida em muitas áreas do Baixo Amazonas, não é tão destacada. Este cetáceo lendário, muitas vezes envolto em narrativas fascinantes, possui uma relativa marginalidade na região do Guaporé. Isso deve, em parte, à não adoção de sua carne como alimento local e também à ausência da prática de confeccionar talismãs a partir de seus olhos e órgãos genitais. Dessa forma, os habitantes do Guaporé não se dedicam à caça dos botos, uma prática comum em outras partes da Amazônia. Isso ocorre porque o boto não é percebido como uma ameaça à segurança humana, não sendo alvo de perseguição na região.

Essa postura está em consonância com a filosofia do povo do Guaporé, que vive em um relativo isolamento em relação à civilização moderna e adota uma abordagem de preservação da fauna, evitando a eliminação de animais que não apresentem utilidade prática, seja como fonte de alimento ou de outros recursos. Apesar da aparente ausência de mitos relacionados ao boto na região do Guaporé, as lendas mais cativantes do local encontram suas origens nas águas do rio, notadamente nos numerosos remansos que o caracterizam, distinguindo-se por sua notável profundidade e correnteza quase nula.

O rio Guaporé, cujas três cachoeiras mais significativas encontram-se a pouco mais de cem quilômetros acima de sua foz, ostenta um curso total que ultrapassa os mil e setecentos quilômetros, dos quais mais de mil quilômetros são navegáveis. A profundidade média varia entre oito e dez metros durante a estação das vazantes, contudo, em determinadas seções do rio, esse índice pode ser reduzido a menos de um

metro nesse período. Durante a estação das cheias, há um considerável aumento no nível de água, seguindo as conhecidas variações sazonais.

Entretanto, algumas áreas do rio surpreendem pela profundidade excepcionalmente elevada, alcançando entre cinquenta e até cem metros, sem uma explicação geográfica clara. Esses locais notavelmente profundos são denominados "remansos" pelos habitantes do Guaporé, que os reverenciam profundamente. Conforme a crença popular, respaldada por uma série de eventos corroborantes, as profundezas dos remansos são habitadas por animais de grande porte que emergem imprevisivelmente à superfície, muitos dos quais têm origens desconhecidas. Não obstante, a maioria das narrativas converge para a ideia de que muitos desses "monstros" são, na verdade, cobras de dimensões extraordinárias.

Entretanto, há indivíduos que adotam perspectivas de crenças notavelmente mais extraordinárias, conferindo a determinados segmentos do rio Guaporé uma aura tão enigmática quanto aquela atribuída ao notório Triângulo das Bermudas ou ao temido Triângulo do Diabo, reconhecidos globalmente. Independentemente da veracidade de tais concepções ou de sua incorporação enquanto elementos de narrativas lendárias, os boatos concernentes a esses supostos seres monstruosos encontram uma ampla disseminação. Em algumas instâncias, os relatos fantásticos sugerem a presença, no Guaporé, de domínios submersos, espécies análogas a Atlântidas ocultas sob as águas doces, nas quais, conforme alegações, ecoam sons como cantos de galos, mugidos de vacas e até mesmo vozes humanas. Além disso, menciona-se a emergência de seres humanos desses locais enigmáticos, navegando em canoas e realizando visitas às comunidades ribeirinhas, ocasionalmente com relatos de pronunciamentos ameaçadores.

A compilação de relatos de natureza extraordinária, tal como delineada neste contexto, configura-se precisamente como o corpus narrativo identificado como "Lendas do Guaporé". A imponderabilidade intrínseca a muitos desses relatos não apenas constitui um elemento distintivo, mas também fundamenta o título conferido a esta coletânea de histórias regionais intrigantes. A diversidade e complexidade dessas narrativas, permeadas por elementos míticos e fantásticos, convergem para a criação de um panorama cultural único, no qual a oralidade e a tradição se entrelaçam, conferindo ao Guaporé uma riqueza mitológica singular e uma expressão autêntica de identidade local. O caráter extraordinário dessas lendas, portanto, transcende a mera fantasia,

inserindo-se como um elemento crucial na compreensão da cultura e imaginário coletivo que moldam a região do Guaporé.

Essas lendas desempenham um papel crucial na formação da identidade cultural do povo do Vale do Guaporé, servindo como elos entre o passado e o presente, transmitindo valores, crenças e tradições de geração em geração. Elas assumem um papel de guardiãs da história oral, preservando eventos significativos e mitos fundadores que estabelecem as bases da coletividade. Ao narrar as origens do povo guaporeano, suas relações com o ambiente circundante e suas interações com forças sobrenaturais, essas lendas contribuem para a construção de uma identidade compartilhada e fornecem um contexto para compreender o mundo e os fenômenos naturais. Muitas vezes, elas transmitem saberes ancestrais sobre ecologia, geografia e criam uma continuidade cultural, servindo ainda como guias éticos, contribuindo para a formação do caráter e valores compartilhados na comunidade.

Além disso, as lendas do Guaporé desempenham um papel na consolidação do senso de pertencimento daquela comunidade. Ao compartilhar histórias comuns, os seus membros se conectam emocionalmente, fortalecendo os laços sociais e promovendo a coesão. Isso deixa consolidado o vínculo e a identidade cultural à geografia e ao ambiente.

4 ENTRE MITOS E MISTÉRIOS: EXPLORANDO AS LENDAS DO GUAPORÉ

Entre Mitos e Mistérios: Explorando as Lendas do Guaporé, de Matias Mendes, é uma imersão nas ricas tradições e narrativas que permeiam o Vale do Guaporé. O termo "Entre Mitos" sugere um mergulho no folclore e nas histórias que transcenderam o tempo, enraizando-se na cultura local. A expressão "Mistérios" evoca a aura de enigmas e segredos que permeiam essas lendas, destacando a fascinante complexidade das narrativas transmitidas ao longo das gerações. Ao explorar as lendas do Guaporé, a proposta do título é mergulhar nas profundezas do imaginário coletivo, onde mitos e mistérios entrelaçam-se, formando o tecido cultural que moldou e continua a moldar a identidade dessa região. Este título convida não apenas à investigação acadêmica, mas também à descoberta emocional de um universo de saberes e crendices que se entrelaçam nas tramas do Guaporé, um convite irrecusável para desvendar os segredos que ecoam nas margens desse rio místico.

Figura 1 - Vista de drone panorâmica de uma baía no Rio Guaporé - lado boliviano no fundo³



³ Local: Costa Marques, Rondônia, Brasil, Data: 09/2022 Autor: Marcos Amend. As curvas do Rio Guaporé nos insinuam o formato de uma cobra. Como se ela estivesse rastejando sobre a terra.

4.1 Colossos Animais Desconhecidos

Há mais de duzentos anos, a comunidade guaporeana tem transmitido relatos recorrentes acerca da presença de animais de proporções extraordinárias, notadamente cobras gigantes. Entretanto, a ausência de registros documentados de óbitos desses espécimes é notável, dada a necessidade premente de testemunhas oculares para tal confirmação. No âmbito de suas investigações, Matias Mendes identificou a ocorrência de apenas três eventos em que cobras de dimensões excepcionais foram abatidas ao longo do tempo. A primeira dessas ocorrências teria se dado em uma baía nas proximidades de Pedras Negras, a segunda no rio Curichá, e a terceira na localidade do Alto Blanco, um afluente do Guaporé. O evento mais recente, datado por volta do ano 2000, ocorreu acima da cidade de Bella Vista, destacando-se como o mais recente dentre esses registros.

No evento trágico, ocorrido na localidade do Alto Branco, conforme documentado pela imprensa boliviana, uma sucuri, em processo de digestão, foi abatida após ter engolido um jovem de 18 ou 19 anos de idade. A dimensão da serpente foi estimada em aproximadamente 17 metros de comprimento. Registra-se, contudo, a impossibilidade de determinar seu peso devido à ausência de ferramentas adequadas para tal medição no local em questão.

O mistério em torno desses animais, presumidamente centenários ou milenares, assim como suas origens enigmáticas, sugere que permaneçam em suas localidades de origem, possivelmente devido a alcançarem proporções gigantescas que limitam seus deslocamentos, mesmo em meio aquático.

Essa é uma lenda recorrente na comunidade guaporeana, que envolve relatos sobre a presença dessas cobras gigantes ao longo de mais de duzentos anos. Essa narrativa se torna parte integrante do patrimônio cultural do povo do Vale do Guaporé, contribuindo para a construção da identidade local. A ausência de registros documentados de óbitos relacionados a essas cobras gigantes contrasta com a persistência das histórias, gerando um mistério que alimenta a tradição oral da região.

Matias Mendes acrescenta uma dimensão investigativa à lenda, identificando apenas três eventos em que cobras de dimensões excepcionais foram abatidas ao longo do tempo, conforme descrito anteriormente. Retomando a história da colonização do Vale, ressalta-se que havia a exploração de ouro, portanto, as lendas e histórias foram se tornando realidade a partir de uma necessidade de proteção e afastamento de

forasteiros.

As narrativas trágicas continuam, como o do evento no Alto Branco, documentado pela imprensa boliviana, adiciona elementos dramáticos à lenda. A descrição da sucuri, estimada em 17 metros de comprimento, engolindo um jovem, intensifica a aura de mistério e perigo associada a essas criaturas. A impossibilidade de determinar o peso da serpente devido à falta de ferramentas adequadas contribui para o caráter enigmático do relato.

O mistério em torno dessas cobras gigantes, supostamente centenárias ou milenares, e suas origens enigmáticas, sugere uma ligação profunda com as localidades de origem. A ideia de que essas serpentes permanecem em seus habitats devido às suas proporções gigantescas que limitam seus deslocamentos, mesmo em meio aquático, acrescenta uma camada de mito e fascínio à lenda. Assim, essa narrativa não apenas enriquece o patrimônio cultural do Vale do Guaporé, mas também alimenta o imaginário coletivo, preservando e transmitindo a tradição ao longo das gerações.

A descrição dos animais colossais se aproxima de narrativas fantásticas, refletindo a riqueza de histórias entrelaçadas à complexa formação do povo brasileiro. Segundo Cascudo (2006, p.163), essa fusão de elementos é evidenciada por Gilberto Freyre em "Casa Grande e Senzala", onde as histórias experimentaram notáveis transformações nas narrativas transmitidas por negras velhas ou amas-de-leite. Destaca-se o papel significativo dessas mulheres negras, que se tornaram as principais contadoras de histórias em nosso contexto cultural.

Essa interconexão entre as narrativas dos animais extraordinários e as histórias moldadas pelas amas-de-leite revela um processo de adaptação e reinterpretação cultural. As histórias portuguesas, ao passarem pelas mãos e vozes das negras velhas, ganham novos matizes e significados, tornando-se parte integrante do folclore brasileiro. Assim, a tradição oral transmitida pelas mulheres negras não apenas enriquece a tapeçaria das lendas locais, mas também contribui para a preservação e reinvenção constante da cultura brasileira, nesse caso especial, a cultural das comunidades do Vale do Guaporé.

Outros incidentes notáveis que "evidenciam" a presença de animais de dimensões e pesos consideráveis incluem o avistamento de arraias-gigantes, localmente designadas como "arrações", minhocões, uma variante de serpente de porte considerável e peculiaridades distintas, e baratões, uma entidade cuja descrição na crença popular

sugere ser uma espécie de tartaruga-gigante que supostamente ataca e causa morte de pessoas, sugando o sangue das vítimas.

A verificação objetiva desses fenômenos se mostra desafiadora. As cobras, apesar de sua origem enigmática, são as mais facilmente documentadas, não suscitando dúvidas quanto à sua presença iminente, bem como quanto aos locais específicos que habitam.

No início das enchentes, é bastante comum as pessoas ouvirem estrondos potentes, semelhantes aos de motores. Esses roncamentos poderiam ser considerados normais se não fossem provenientes das profundezas do rio, acompanhados por turbilhões de borbulhas e murmúrios, muitas vezes carregando detritos do fundo do rio. Estes são indícios suficientes para se suspeitar da presença de alguma forma poderosa de vida nas profundezas.

As evidências são consideráveis; há animais nestes locais ou pode haver uma significativa atividade vulcânica nas águas. Isso mantém os ribeirinhos afastados dessas áreas profundas. Percebe-se que negar a existência dessas criaturas é difícil, assim como é complicado explicar sua origem. No entanto, segundo algumas autoridades regionais, elas possivelmente são descendentes de imensas criaturas antediluvianas.

Se essas criaturas fazem parte ou não de uma era anterior, talvez nunca seja cientificamente comprovado. No entanto, uma pergunta de grande curiosidade sobre elas persiste: como são e como agem nas profundezas do Guaporé? Como bem menciona Paes Loureiro, o rio é a rua onde trafegam as canoas e a imaginação das comunidades, além de ser o cenário onde se desenrolam a história, a literatura e as lendas, que podem estar tanto na superfície da água quanto abaixo dela.

Sabe-se apenas que as socris e sucrujus raramente atacam as pessoas, mas quando o fazem, estas geralmente saem em desvantagem, pois são vulneráveis aos ferimentos causados por armas humanas, não apresentando semelhanças com as cobras gigantes. No entanto, as jiboias, quando crescem ou ganham muito peso, têm sua locomoção terrestre dificultada, buscando então as águas mais profundas para habitar, tornando-se assim serpentes moradora do lugar e bastante assustadoras.

Narra-se que, no século XIX, uma cobra habitava as proximidades da foz do rio Blanco, cerca de seis quilômetros abaixo do porto de Costa Marques, e durante anos perseguia algumas embarcações. Poderia ser apenas uma lenda, contudo, mais adiante neste relato, o leitor encontrará um registro que descreve um encontro com uma jiboia

gigante próximo ao Forte Príncipe da Beira.

Mais de trinta anos depois, uma cobra idêntica foi avistada nos arredores do antigo porto de Conceição, local que era habitado até a década de 70. Dizem que não havia nenhuma criatura desse porte na região. Infelizmente, foi avistada em um lugar onde muitas crianças, bem como adultos, costumavam nadar diariamente sem enfrentar problemas. Atualmente, as águas desse local tornaram-se profundas e ameaçadoras.

As pessoas que avistaram esses monstros afirmam tê-los contemplado durante o dia, sem qualquer dúvida quanto à forma da criatura. Ao que tudo indica, essas situações ocorrem sempre que elas emergem, o que parece ser com frequência. Muitas vezes, os habitantes evitam certos locais em determinados horários, porém sempre há algum desavisado que se depara com essas criaturas.

Em virtude do que foi mencionado sobre a criatura que possivelmente reside há anos no remanso de Rebojinho⁴, vale lembrar que esta é rota de navegação fluvial. Muitas pessoas afirmam ter visto somente um imenso jacaré-açu. Porém, na época do grande fluxo de produção da extração da borracha, existia uma estrada de seringa no lado boliviano que era por onde os brasileiros passavam até chegar em Beira Nova. Quem percorria por ali, a trabalho ou não, avistava a boiuna, pois ficava bem perto do remanso de Rebojinho, pois ela ficava boiando naquelas águas.

Devido ao escoamento demográfico dos guaporeanos, há tempos em que eles não mais se deparam com a gigantesca cobra. No entanto, nunca deixaram de acreditar que ela está por ali. Reconhecendo a significativa importância que a Cobra-Grande detém na existência do amazônico, não surpreende o profundo respeito retratado por Matias Mendes, como membro dessa comunidade, dedica a essas criaturas míticas, que muitos ainda acreditam habitar os redemoinhos ou recantos dos extensos rios amazônicos. Os rios dessa região, com suas águas profundas e cheias de movimentos “rebojinhos”, estão tão intrinsecamente ligados à vida do caboclo que, em certa medida, se confundem com a própria existência deste. Esses rios não são apenas fontes de sustento e transporte, mas também símbolos de vida e morte, fundindo-se de maneira simbólica com a figura da Cobra Grande. A serpente é percebida como uma entidade maternal, moldadora do curso do rio e, ao mesmo tempo, capaz de punir aqueles que não respeitam suas águas, navegando imprudentemente ou desrespeitando sua

⁴ Estranho redemoinho frequentemente ocorrido nas águas do Guaporé, sempre junto à margem direita, sem motivo algum ou aparente, pois não há rochas no leito do rio naquele ponto, diferentemente de muitos outros rios da Amazônia.

natureza imponente.

4.2 O Mundo Nebuloso dos Remansos

Os habitantes da região costumam enxergar os remansos como fontes de temor e inquietação. São lugares sombrios e isolados, onde não há frequentadores nem residentes por perto. Esses remansos são conhecidos por abrigar criaturas gigantes, e talvez seja essa desconfiança generalizada que explique a ausência de registros de vítimas de ataques. Não existem explicações plausíveis ou definitivas sobre a formação desses grandes remansos. O que se sabe é que ainda não há uma definição clara quanto ao tamanho e à origem dos monstros que eventualmente habitam esses locais.

Assim sendo, as águas do Guaporé carregam grandes mistérios que não deixam dúvidas sobre a presença das feras. No entanto, é importante ressaltar que nem todos os remansos são suspeitos de abrigar tais criaturas, pois o rio Guaporé também possui trechos de águas calmas, repletas de peixes, além de belas praias, baías e ilhas paradisíacas. Mesmo assim, é prudente não confiar plenamente, pois frequentemente surgem eventos perturbadores, que agitam as águas por longas distâncias. Inclusive, quando isso ocorre, é essencial que os vigilantes estejam atentos próximos às margens, pois sabe-se que essas criaturas são imprevisíveis.

A lenda retrata a percepção dos habitantes do Vale do Guaporé em relação aos remansos na região, evidenciando a ambivalência de sentimentos associados a esses locais. A descrição dos remansos como instigadores de temor e inquietação ressalta a carga simbólica atribuída a esses espaços, percebidos como misteriosos e pouco frequentados. A ausência de registros de vítimas de ataques nesses locais reforça a ideia generalizada, possivelmente alimentada pela crença na presença de criaturas gigantes nos remansos.

A existência de feras é destacada como um elemento inquestionável, porém a ambiguidade persiste, sugerindo que, mesmo diante de relatos e suposições, não há uma definição concreta sobre tais fenômenos. A narrativa enfatiza a importância da vigilância nas margens dos remansos, ressaltando a imprevisibilidade desses locais e a necessidade de precaução diante de eventos desconhecidos que podem perturbar as águas. Os remansos frequentemente surgem próximos a locais onde é necessária vigilância devido aos "tesouros" de alguns habitantes, nos quais forasteiros desaparecem sem deixar vestígios, sendo engolidos pelas águas sem que se encontre nem mesmo

vestígios das canoas. Esse fenômeno misterioso aguça a curiosidade de turistas e pesquisadores, porém todos se aproximam com grande respeito a essa lenda real, pois os remansos permanecem presentes.

4.3 Encontro com Cobras Grandes

Figura 2 - Representação de uma Titanoboa.



Foto: Reprodução/Universidade da Flórida⁵. 2001-2020 Portal Amazônia.

Muitas narrativas sobre os encontros das pessoas com as cobras-grandes das águas do Rio Guaporé vêm desde o século XIX, por isso Matias esclarece que:

Como descendente de pioneiros do vale daquele rio, guardei desde a infância todas as histórias que ouvi, e tive o cuidado de não as esquecer, inclusive sempre buscando esclarecer os detalhes do caso com as pessoas mais velhas da região. Depois que cresci, antes de deixar a região guaporeana para cumprir minhas muitas andanças pela

⁵ A Titanoboa dominava as florestas tropicais da América do Sul, principalmente na região da Amazônia, surgindo 6 milhões de anos depois da extinção do Tiranossauro rex. A serpente era capaz de engolir um crocodilo inteiro. A descrição dessa serpente é a própria descrição das lendas da Cobra Grande que fazem parte da história do povo guaporeano e de todas as histórias passadas de geração em geração e que formam um patrimônio cultural dessa região que atrai turistas de todas as partes do mundo para vivenciar experiências nesse território envolto de mistérios e aventuras.

Amazônia, tive ainda a oportunidade de vivenciar acontecimentos ligados aos misteriosos animais do fundo do rio (Mendes, 2007, p.45).

A localização do Rebojinho é a uns seis quilômetros abaixo da região de Dois Irmãos, doze abaixo de Pedras Negras e quinze acima da antiga Fazenda Cruz Verde, propriedade da família Gomes. O termo Rebojinho foi atribuído a um estranho redemoinho que ocorre frequentemente nas águas do Guaporé, sempre próximo à margem direita, sem motivo aparente, uma vez que não há rochas no leito do rio naquele ponto, ao contrário de muitos outros rios da Amazônia. Essas águas fluem normalmente, mas de repente ganham uma aceleração, transformando-se em um funil comparável aos turbilhões encontrados em cachoeiras, destacando-se que não há rochas nesse local, nem nas proximidades. Apesar de ser uma visão impressionante, também é assustadora.

Os navegantes que percorrem essas águas em pequenas embarcações geralmente optam pela margem direita, mesmo que agitada. Segundo a lenda, na margem esquerda reside um animal que, ao emergir para tomar banho de sol, ergue-se a cerca de dois metros de altura, com o restante do corpo possuindo muitos metros de comprimento. Há relatos de que havia uma ilha encantadora naquele local. Matias Mendes, mesmo tendo deixado o Vale do Guaporé ainda jovem, permaneceu ligado às suas raízes. Assim, vislumbram-se os fragmentos de sua memória:

Na verdade, eu mesmo ainda conheci um resto dessa ilha, em 1959, quando passei por ali na companhia da minha mãe. Entretanto, ao longo dos anos, o estranho habitante do remanso ali localizado executou constantes escavações, muitas das quais foram presenciadas por estupefatos viajantes, até transformar o trecho d'ório naquilo que é atualmente. Não há mais qualquer vestígio da antiga ilha (Mendes, 2007, p. 47).

As últimas aferições que indivíduos corajosos resolveram fazer no local mostraram uma imensa profundidade, superior a 60 metros, nessas águas bem paradas, com exceção da faixa de corrente que passa perto da margem direita. Esse número é anormal, pois geralmente o habitual são 10 metros. Percebe-se o quão perigoso é o trecho de Rebojinho.

No final do Século XIX, primeiro Ciclo da Borracha, o Senhor Balbino Maciel estava em sua embarcação, a qual tinha capacidade para cinco toneladas. Saindo de Pedras Negras em direção aos povoados de Pescarias e Versalles. Por consequência do peso que conduzia e pelo

Amazônia, tive ainda a oportunidade de vivenciar acontecimentos ligados aos misteriosos animais do fundo do rio (Mendes, 2007, p.45).

A localização do Rebojinho é a uns seis quilômetros abaixo da região de Dois Irmãos, doze abaixo de Pedras Negras e quinze acima da antiga Fazenda Cruz Verde, propriedade da família Gomes. O termo Rebojinho foi atribuído a um estranho redemoinho que ocorre frequentemente nas águas do Guaporé, sempre próximo à margem direita, sem motivo aparente, uma vez que não há rochas no leito do rio naquele ponto, ao contrário de muitos outros rios da Amazônia. Essas águas fluem normalmente, mas de repente ganham uma aceleração, transformando-se em um funil comparável aos turbilhões encontrados em cachoeiras, destacando-se que não há rochas nesse local, nem nas proximidades. Apesar de ser uma visão impressionante, também é assustadora.

Os navegantes que percorrem essas águas em pequenas embarcações geralmente optam pela margem direita, mesmo que agitada. Segundo a lenda, na margem esquerda reside um animal que, ao emergir para tomar banho de sol, ergue-se a cerca de dois metros de altura, com o restante do corpo possuindo muitos metros de comprimento. Há relatos de que havia uma ilha encantadora naquele local. Matias Mendes, mesmo tendo deixado o Vale do Guaporé ainda jovem, permaneceu ligado às suas raízes. Assim, vislumbram-se os fragmentos de sua memória:

Na verdade, eu mesmo ainda conheci um resto dessa ilha, em 1959, quando passei por ali na companhia da minha mãe. Entretanto, ao longo dos anos, o estranho habitante do remanso ali localizado executou constantes escavações, muitas das quais foram presenciadas por estupefatos viajantes, até transformar o trecho d'ório naquilo que é atualmente. Não há mais qualquer vestígio da antiga ilha (Mendes, 2007, p. 47).

As últimas aferições que indivíduos corajosos resolveram fazer no local mostraram uma imensa profundidade, superior a 60 metros, nessas águas bem paradas, com exceção da faixa de corrente que passa perto da margem direita. Esse número é anormal, pois geralmente o habitual são 10 metros. Percebe-se o quão perigoso é o trecho de Rebojinho.

No final do Século XIX, primeiro Ciclo da Borracha, o Senhor Balbino Maciel estava em sua embarcação, a qual tinha capacidade para cinco toneladas. Saindo de Pedras Negras em direção aos povoados de Pescarias e Versalles. Por consequência do peso que conduzia e pelo

fato de navegar a favor da correnteza, a embarcação vinha sempre próxima da margem brasileira com sensatez. No momento em que passava pelo local do rebojo, a sua galeota teve a popa laçada por um animal de imenso tamanho. O senhor Balbino afirmou que se referia a uma cobra-grande. A barca resistiu por um tempo, mas depois começou a perder força e levantou a proa, nesse momento a proa era puxada para o fundo pelo animal. Na primeira oportunidade, já no extremo do desespero, o senhor Balbino agarrou-se a um galho que estava pendente sobre o rio. Ele conseguiu se salvar, além disso, horas mais tarde um outro barco que passava por ali o resgatou. Mas sua grande embarcação, com 8 metros e com muito peso, nunca mais foi vista, assim como nada que estava dentro nunca flutuou, a impressão que se tem é que foi parar em uma caverna submersa. (Mendes, 2007, p. 50).

Convém ressaltar que dentro da galeota estavam as moedas de ouro do próspero senhor Balbino, no entanto, nem mesmo elas foram motivo suficiente para encorajar os aventureiros a resgatá-las. Até o momento, sabe-se que o animal ainda habita os arredores do incidente, e ainda se ouvem seus temíveis rugidos, além de sua presença ser avistada flutuando no grande remanso.

Outro caso muito interessante, além disso, sem desfecho certo, aconteceu com o pai do autor – Matias Mendes.

A localidade que será citada é denominada de Rombadinho, que fica entre Ilhas das Flores e Pedras Negras. O Senhor João Laudelino Mendes era considerado um Lobo dos Rios, homem de uma integridade única, ótimo nadador e sobrevivente de três naufrágios, mas a veracidade que será lida a seguir, independentemente, não lhe tirou a habilidade para as longas viagens, mas para o esporte aquático sim. (Mendes, 2007, p. 52).

O autor Matias Mendes nunca testemunhou seu pai nadando, inclusive acreditava que ele sequer sabia nadar, apenas descobrindo na adolescência. O fato em questão ocorreu em uma noite de verão, por volta dos anos 1920. O senhor João Laudelino regressava de uma de suas viagens às Ilhas da Flores e Tarumã, navegando pelo Guaporé em direção à sua residência acima de Pedras Negras. Ele estava familiarizado com o trecho que atravessava, pois era um hábito seu, mas optou por viajar durante a noite para evitar o forte sol diurno. Parte do trajeto seria feita com o uso do varejão, porém, ao adentrar na região de Rombadinho, trocava pelos remos, pois ali as águas eram profundas. Além disso, o varejão não alcançava o fundo do rio, sendo os remos uma ferramenta mais silenciosa e apropriada para a ocasião.

A viagem feita com o varejão⁶ é sempre pelo meio do rio, infelizmente, por conta da escuridão, como também pela falta de percepção da velocidade que havia desenvolvido, o senhor João Adelino entrou na área perigosa sem saber. Ele não percebeu a mudança na velocidade e ainda conseguiu alcançar o fundo com o varejão, continuando a impulsionar a canoa. Repentinamente, o que antes era apenas solidez no leito do rio ganhou vida. Adelino foi arremessado cerca de vinte metros longe da canoa em pleno remanso. O local, que anteriormente estava sereno, agora estava agitado por ondas. Com grande esforço, ele conseguiu retornar à canoa, mas antes de tocá-la, sentiu algo extremamente áspero que circundava a pequena embarcação. Após retomar à canoa, o Lobo dos Rios rapidamente procurou sair daquele lugar o mais rápido possível. Ele jamais descobriu a natureza daquela força incomum que o fez dar vários saltos com a vara. Além disso, abandonou completamente suas anotações no rio.

O senhor João Laudelino, conhecido como o "Lobo dos Rios", sempre respondia da mesma maneira quando lhe perguntavam por que não queria mais nadar no rio: "Quem escapa uma vez, vive cem anos..." Ele dizia isso com voz tranquila e um pequeno sorriso nos lábios, e de fato viveu até os 104 anos.

Outro relato envolve o pioneiro e pecuarista João Cordeiro Saldanha, do Vale do Guaporé. Ele também era um navegante muito experiente, e não há registros de erros de navegação em seus percursos. O barco que será mencionado nesta narrativa era extremamente seguro e bem equipado. Tratava-se de uma embarcação grande, com cerca de 10 metros de comprimento, do tipo catraia, equipada com um motor Penta 10/12 HP. No local do incidente, como já mencionado anteriormente, não havia rochas nem troncos de árvores, apenas águas sempre profundas. Apesar de todas as vantagens e sua vasta experiência, o navegador foi abruptamente lançado para fora da embarcação devido ao atrito com um corpo estranho. Naquele dia, só conseguiu se salvar por um verdadeiro milagre.

Durante o retorno para sua fazenda, localizada em Ilhas das Flores, Saldanha foi repentinamente arremessado por uma criatura desconhecida enquanto se aproximava de um local conhecido como Cruz Verde. Tudo aconteceu tão rapidamente que Saldanha mal conseguia processar o que estava ocorrendo. Ele foi jogado para fora do barco, caindo, infelizmente, em cima do animal que estava causando toda a situação. A embarcação, totalmente desgovernada, colidiu com o barranco, o que resultou em seu

⁶ Uma vara utilizada como remo.

retorno até o senhor Saldanha, que nadava na companhia da inusitada criatura.

No entanto, o animal estava distraído com um tambor de gasolina que estava boiando, chamando sua atenção. Como resultado, o homem conseguiu subir a bordo da embarcação novamente e fugir rapidamente. Saldanha relatou que, enquanto esteve dentro da água, tocou no animal, descrevendo sensações semelhantes às descritas pelo Senhor João Adelino Mendes - uma couraça muito áspera. Tudo ocorreu à noite, o que dificultou a identificação precisa do animal. Portanto, seu último dia de vida não foi aquele incidente, pois Saldanha faleceu vinte anos após, de câncer.

Entre os dois últimos relatos, é possível considerar que até um peixe de grande porte poderia ter derrubado o Senhor João Adelino Mendes, pois seu barco era pequeno e operado em pé, necessitando do varejão para impulsionar a canoa. No entanto, no caso do segundo relato, a embarcação funcionava a motor, com ótima potência. Percebe-se a diferença entre os dois homens - o primeiro mais simplório, levando algumas pessoas a pensarem que ele estava apenas replicando uma das muitas lendas locais. Por outro lado, o segundo homem, fazendeiro, culto, piloto de pequenas aeronaves, de perfil imponente, logo se percebe que muitos acreditaram no relato vivido e narrado pelo Senhor João Saldanha.

Um terceiro incidente envolvendo a existência desse animal desconhecido ocorreu durante o dia, com um piloto de voadeira conhecido como senhor Raul Lucindo, também chamado de 'Queixada'. Ele precisava levar um padre até Conceição para embarcar em um avião, ambos partindo de Costa Marques. A voadeira estava equipada com um motor de popa de 25 HP, e o dia estava claro e ensolarado, sem possibilidade de erros de navegação aparentes, tudo parecia estar em perfeita calma.

No entanto, ao iniciarem a grande curva do canal, próximo à ponta de baixo da praia, eles colidiram com algo dentro da água. Mais uma vez, como nos relatos anteriores, tudo aconteceu tão rapidamente que mal tiveram tempo de entender o que estava ocorrendo. Foram lançados até a praia do outro lado da margem em que estavam. Estima-se que tenham sido arremessados cerca de cinquenta metros fora do curso de navegação. Eles caíram em uma parte rasa da praia, juntamente com a embarcação, o que permitiu que escapassem da fúria da criatura. O motor desapareceu, assim como outros objetos que caíram do barco. Não havia nenhum sinal de colisão com pedras ou troncos no casco da embarcação, uma vez que, como já mencionado anteriormente, não há rochas nem madeiras na região. O incidente permaneceu inexplicável, restando

apenas especulações sobre a possível cobra do estirão do Blanco.

Os habitantes mais antigos do Vale do Guaporé tinham o hábito de falar que as narrativas mais proferidas se referiam à cobra jiboia, talvez uma das jiboiaçus, ela também pertence à família boídeos. Acredita-se que pela longevidade dos animais desses rios, essa (s) cobra (s) é, ou poderia ainda ser, jovem. Mas de qualquer modo, por todos os danos que já tenha causado, por mais que não haja relatos de vítimas, o correto é não confiar no humor instável da criatura. O que se sabe é que toda embarcação que passe por seu caminho, seja em silêncio ou não, aparece de qualquer forma. O melhor a se fazer é não esperar para ver o que pode acontecer, até porque há relatos de que ela sai em perseguição de pequenas e grandes embarcações.

Nesse contexto, Matias (2007), enfatiza que

[...] o homem formado nas adversidades das florestas é muito mais independente e bem mais capacitado para sobreviver em qualquer circunstância. O homem da floresta é, antes de tudo, o guardião de si. Nas matas, o ser humano fica inteiramente consciente da sua condição de indivíduo (Mendes, 2007, p. 65).

Ele ainda faz um relato próprio: em 1957, por volta das 17 horas, quando tinha oito anos, disse ter visto uma imensa cobra subindo o rio Guaporé. O pequeno Matias estava em mudança da colônia de Lamego para o vilarejo de Conceição. Ele afirma que foi uma visão impressionante, mesmo aos 50 anos, que completou em 2007, nunca esqueceu o que viu.

O corpo do monstro não flutuava por completo, era por blocos, a cabeça estava exposta e erguida, mais ou menos dois metros acima da água. Matias continuava a descrever:

O pescoço presumível, funcionava como a proa de um potente barco, e formava uma esteira de espumas nas ondas laterais que provocava. Atrás de tudo isso, o animal arrastava um impressionante rosário de blocos flutuantes, intercalados por partes submersas, que se estendiam por folgados vinte metros ou mais... A cor do animal não era uniforme. A parte dianteira, que se erguia acima da água, mostrava perfeitamente uma tonalidade muito escura intercalada por uma tonalidade um pouco mais clara, ou seja, malhas negras e castanho-escuros (Mendes, 2007, p. 66).

Ele também relata que a velocidade da criatura era lenta, como se estivesse desfilando, mas as ondas que ela provocava pareciam as de um barco a motor, pois

alcançavam de uma margem a outra. O desfile majestoso durou cerca de dez minutos, depois desapareceu, seja na curva do rio, no ângulo de visão ou simplesmente mergulhou nas águas profundas do rio Blanco, que também apontava na direção de Porongaba e Porto França. Anos depois, com a impressão de que seu corpo estava sendo preparado para um novo encontro, Matias, já em sua juventude, se deparou no meio da floresta da cordilheira, a trezentos metros de uma serra, com uma cobra de porte considerável. Era 1966, um jovem valente, destemido, caçador implacável, que havia herdado a boa pontaria de seu irmão mais velho, o lendário Joaquim Mendes. O autor ainda explica:

De forma alguma poderia ser dito que eu era um rapazola inexperiente e desprotegido, pois até já havia vivido com meus irmãos por mais de oito meses na região do rio Água Branca, um afluente do Pacaás-Novos, particularmente temido por todo mundo em razão das incursões dos perigosos índios uru-eu-wua-wua. Minhas incursões pela selva eram frequentes. Quando não estava em companhia do meu irmão Francisco Mendes, um dos melhores companheiros que conheci para aventuras pelas florestas, preferia perambular pelas matas sozinho (Mendes, 2007, p. 68).

Corroborando o assunto, no dia em que avistou o animal, ele estava sozinho, com o objetivo de caçar onças à noite nos bebedouros dos igarapés. Esses lugares ficavam cerca de dez quilômetros após o vilarejo de Conceição - anos atrás, uma antiga colocação de seringa, que era conhecida como Serrinha devido às várias serras pequenas na região. Durante o verão, muitos bebedouros eram encontrados nas proximidades desses locais para a caça de espera, que sempre ocorria à noite. Os povos do Vale do Guaporé já estavam habituados a essa prática. Matias estava caminhando por uma trilha quando ouviu um discreto ruído, olhou ao redor, mas não avistou nada. Ficou parado e observou cuidadosamente a mata ao seu redor. A aproximadamente seis metros à sua esquerda, avistou a criatura e não gostou do que viu.

Eu estava diante de um monstro em forma de serpente... Aquilo não era cobra para ser vista em terra firme! Seu porte excedia a tudo que eu pudesse imaginar em termos de cobras terrestres... Mas ela estava ali, diante de meus olhos, inteiramente esticada, atravessada no meio do caminho (Mendes, 2007, p. 69).

Naquele momento, a primeira reação de Matias foi voltar, sair de lá. Mesmo após ter dado alguns passos para trás, ele parou para refletir, voltou à mesma posição, chegou

um pouco mais perto, foi então que concluiu:

Um animal daquele porte não teria agilidade bastante para esboçar qualquer movimento brusco do qual eu não pudesse me defender ou escapar. Afinal de contas, a sua cabeça, do tamanho de uma melancia das grandes, estava a apenas alguns metros de distância, sob o controle dos meus olhos atentos e bem ao alcance da minha confiável espingarda de calibre 20. Ademais minha afiada faca de caça, apropriada para tirar couros de animais, e a minha garrucha calibre 22 poderiam ajudar em qualquer emergência (Mendes, 2007, p. 69).

Matias tinha certeza de que um tiro não causaria nenhum dano àquele animal, assim como sabia que a serpente já havia percebido sua presença, mas optou por ficar imóvel. Como a criatura não o atacou, apesar das pernas trêmulas de medo, decidiu deixá-la em paz. No entanto, sua admiração pelo tamanho do animal era tamanha que, quando o medo inicial diminuiu, ele se aproximou da cobra, ficando a cerca de dois metros dela. Observou-a cautelosamente. Suas escamas tinham o tamanho de uma colher de sopa, e o ruído que havia ouvido não provinha do animal, mas sim dos cipós grossos que vinham de onde a criatura mantinha a cabeça erguida; quando ela tentava se mover pelos cipós, o discreto barulho que chamou a atenção do jovem ocorria. Ambos se olhavam, mas os olhos da criatura eram impressionantes, de cor cinzenta e maiores do que os de um cavalo.

Continuando suas observações, o resto do animal quase o deixou sem fôlego novamente, além do que já havia visto. Por trás das samambaias, havia mais cerca de dez metros do outro lado do caminho, em outras palavras, o autor apenas havia visto um terço do verdadeiro tamanho dela. Acredita-se que ela tivesse cerca de quinze metros de comprimento. Algumas pessoas que ouviram a história de Matias disseram que, pela descrição - tonalidade castanho-claro e enfeitada com círculos negros -, era uma jiboia branca. O autor então acredita que, pelo fato de o rio estar distante cerca de dez quilômetros, essa espécie de cobra habitava o interior das florestas. Considerando que as cobras sucuri não se aventurariam tão longe das águas, principalmente em época de estiagem, como no mês de agosto.

O Jovem Matias estava muito longe de sua casa, então não dava para ir chamar alguém; além disso, na época não se tinha o recurso de uma máquina fotográfica para comprovar o fenômeno, então o único jeito era gravar bem em sua memória o que estava bem diante de seus olhos. Ficou ali por mais de uma hora, esperando que o animal

continuasse sua caminhada, mas nada, a serpente não saía do lugar. Ele então resolveu contornar de bem longe toda a sua longa cauda.

Por fim, seguiu viagem rumo a Serrinha. Quando chegou a hora de retornar, já tarde da noite, resolveu passar a noite acampado por lá mesmo, a um quilômetro de distância da grande cobra. Alguns anos depois, em uma estranha coincidência ou não, o irmão do autor, Francisco Matias, encontrou uma jiboia com cerca de sete metros, acuada pelos cachorros no mesmo lugar onde a gigantesca serpente fora vista. Matias Mendes retoma a frase de um sábio filósofo, que também foi seu mestre na arte de atirar, e em sua narrativa uma vez disse: "[...] não se mata aquilo que não se come, aquilo que não nos come, aquilo que não nos mata" (Mendes, 2007, p. 74).

4.4 O Mistério dos Mundos Submersos

Em passagens anteriores, foi relatado que estranhos sons emanam das profundezas das águas do rio Guaporé. Além disso, até mesmo os habitantes da região acreditam na possibilidade da existência de mundos submersos naquele lugar. Histórias bizarras são contadas sobre esses encantamentos, inclusive relatos de pessoas desaparecidas.

Figura 3 - Paisagens com muitas aves: cenas corriqueiras ao navegar no Guaporé⁷



Foto: Cleris Muniz (2022).

Os remansos do rio Guaporé, que supostamente levam "pessoas, objetos e animais para o fundo do rio", com suas narrativas de estranhos sons e histórias bizarras, estabelecem uma conexão intrigante com a lenda da cidade perdida de Atlântida. Assim como nas histórias da cidade afundada, onde relatos de sons misteriosos e desaparecimentos permeiam a narrativa, os elementos apresentados no texto sobre o Guaporé sugerem a existência de fenômenos inexplicáveis e encantamentos nas profundezas das águas.

A crença compartilhada pelos habitantes locais de que mundos submersos podem existir no Guaporé ecoa o mito de Atlântida, uma civilização lendária que teria afundado

⁷Fonte: <https://rondoniaovivo.com/noticia/interior/2022/06/18/vale-do-guapore-uma-das-regioes-mais-bonitas-e-misteriosas-de-ro-pelas-lentes-da-maquina-fotografica.html>. Abaixo dessa linda lâmina d'água pode existir uma "cidade perdida".

nas profundezas do oceano. Ambos os contextos refletem a fascinação humana por lugares misteriosos e inexplorados, alimentando narrativas que transcendem a realidade observada.

Os relatos de pessoas desaparecidas nas águas do Guaporé também evocam a ideia de encontros sobrenaturais ou eventos inexplicáveis, semelhantes às lendas de Atlântida, onde o desaparecimento de uma civilização inteira contribui para o enigma que envolve esse lugar lendário. Em conjunto, essas narrativas destacam a universalidade do fascínio humano por mistérios aquáticos e o potencial de criação de mitos em torno de ambientes naturais desconhecidos.

Os pontos mais evidenciados das descrições são: Cruz Verde, Rombadinho e Porto Ruivo. Neste último, conforme a fé das pessoas, podem ser escutados barulhos idênticos às atividades de quem está vivo, como, por exemplo: canto de galos, dentre outros sons de quem mora às margens dos rios. Poderiam até dizer que são ecos dos sons, mas estes são produzidos a muitos quilômetros de distância.

Os habitantes do Vale do Guaporé acreditam que o mistério do Porto Ruivo está nas profundezas das águas. Moradores muito antigos contavam que um certo homem uma vez disse que iria jogar uma cabeça de porco nas águas profundas da Baía de Porto Ruivo e elas se tornariam rasas; esse homem também tinha suas superstições e crenças, mas pelo visto o mito das águas ele as ignorava.

As narrativas dizem que esse homem acabou por desistir de seu feito depois que recebeu a visita de três homens que chegaram em uma canoa bem arrumada. Era por volta de onze horas quando essa canoa surgiu na embocadura da Baía e foi em direção às casas de Porto Ruivo. Os homens desceram da canoa e foram direto até o barracão onde o homem morava, era estilo pombal. Ao encontrar-se com o homem, um deles disse que se fosse do desejo do homem de jogar a cabeça de porco na baía, que assim o fizesse, porém, Porto Ruivo afundaria no mesmo dia. Muitas pessoas viram os visitantes, mas depois que deram esse recado, voltaram para a canoa e nunca mais foram vistos. O homem desfez seu objetivo e tempos depois foi embora também.

Outra situação muito curiosa aconteceu nos últimos anos da década de 1940. Flávio Mendes, tio do autor Matias Mendes, que morava em frente à Vila de Pedras Negras, aparentava ter pouco mais de cinquenta anos, sumiu de dentro de sua canoa e nunca mais foi visto. O autor acrescenta que as pessoas que morrem por afogamento, por ataque cardíaco ou por ataque de feras tendem a revisitar, horas depois, ou restos

mortais aparecem, até mesmo objetos.

No caso do senhor Flávio Mendes, nada foi encontrado. Buscas exaustivas foram feitas, porém todas sem sucesso. Em seu pequeno barco, nada foi mexido ou retirado, tudo ficou do mesmo jeito: remo, remadores, garrafa de cachaça intacta, rifle na mesma posição junto ao remo, tralhas de pesca em perfeita organização.

"O lugar onde o senhor Flávio desapareceu fica separado da corrente do rio que forma um braço com diversos canais, nas proximidades da Pedra Rachada. Ela é quadrada e quebrada ao meio; a impressão que se tem é que ela foi atingida por um raio. Além disso, é um limite abaixo das ilhas rochosas, bem perto da enseada. "Foi nesse lugar que ele desapareceu. O objetivo dele era pescar tambaquis para o banquete do dia 7 de setembro, pois naquela época, os ribeirinhos comemoravam essa data.

Segundo relatos posteriores, devido ao fato de seu corpo nunca ter sido encontrado, dizem que ele foi transformado em cobra. Pessoas afirmaram ter recebido mensagens sobre ele em sonhos. De qualquer forma, seu desaparecimento continua sendo um mistério.

Corroborando o assunto, o autor Matias Mendes relata que o mistério, ou a lenda de Flávio Mendes, não ficou restrito ao Vale do Guaporé. Trinta e três anos depois, mais precisamente em 1979, Matias estava no município de Aripuanã, no Estado do Amazonas, onde ouviu, totalmente espantado, uma história contada por um caboclo amazonense. Ele não conhecia o Vale do Guaporé, nem geograficamente, apenas narrou um sonho que teve há muitos anos. Esse sonho era semelhante aos relatos que as pessoas mencionavam, porém, o mais intrigante é que o caboclo citava o nome de Flávio Mendes, assim como o nome da praia Furado-Grande. Matias verificou as informações recebidas e constatou que a praia mencionada ficava a doze quilômetros abaixo da enseada, local do desaparecimento.

Matias, no livro *Lendas do Guaporé*, não acrescentou nada sobre os relatos ouvidos referentes ao sonho que o caboclo teve anos atrás. Ele não quis adicionar elementos à lenda. Ele explicou o motivo pelo qual não acrescentou mais nada à lenda citada:

A lenda faz parte de um segredo de família, já que o desaparecido Flávio Mendes era o irmão mais velho do meu pai. Embora nós tenhamos algumas informações extras, nada mais sabemos a respeito de Flávio Mendes desde o dia do seu sumiço repentino do plano físico. A lenda é muito democrática, pois não poupa nem os familiares do desaparecido (Mendes, 2007, p. 90).

O caboclo não conhecia Matias Mendes, não sabia de sua ligação com o lugar, nem com as pessoas de lá, limitou-se a ouvir tudo sem dizer nada sobre a história e depois contou ao seu pai que ainda era vivo.

4.5 Homens Lendários

O primeiro homem lendário a ser descrito nesta produção é o já mencionado Balbino Maciel. Nos primeiros anos da década de 1920, ele já estava sofrendo crises de esquizofrenia, relatos dizem que a doença surgiu devido ao colapso da economia da borracha. Dias antes de partir para Belém, ele deu ordens a dois empregados para colocarem duas arcas muito pesadas em uma canoa, dizem que elas continham moedas de ouro. Remaram rio acima até a embocadura da Baía do Boi, que também era conhecida como Baía de Santo Antônio. Essas águas eram mais profundas, e ele ordenou que jogassem as arcas dentro do rio. Ainda em relatos, dizem que ele foi com os empregados, devido ao estado mental em que se encontrava. Ele até estava armado com uma carabina de calibre 44. Se havia ouro dentro das arcas ou não, ninguém sabia. A única certeza é que as arcas pesadas foram lançadas no rio nas localizações já citadas.

Não se sabe realmente o que havia nas arcas, mas também existem relatos de que Balbino Maciel poderia ter encenado tudo apenas para não atrair os olhares alheios para o que ele realmente fazia. Ele tinha hábitos estranhos; sempre que estava às margens do rio Guaporé, ainda dentro do limite de suas terras, em uma localidade chamada Fé em Deus, um quilômetro acima da foz e da cachoeira Machupo. Há evidências da presença de metais fundidos e escondidos sob o solo desse lugar. Além disso, relatos dão conta de que, às vezes, apareciam labaredas no local, sem haver nada em incêndio por perto.

Antônia Antunes Maciel era filha de Balbino Maciel. Dizem que logo após sua morte, ela partiu para São Luiz de Cáceres e nunca mais foi vista, nem retornou às terras de seu pai. Com o passar do tempo, essas terras foram ocupadas por terceiros. A próxima lenda vem de uma família que residia em um lugar chamado Rosário, situado na Ilha Vila Nova, também conhecida como Pescaria, no Arquipélago de São Simão.

Ainda no século XIX, durante o primeiro Ciclo da Borracha, existia naquela localidade uma família de bolivianos, os Toledo, quase esquecidos no Vale do Guaporé,

mas ainda existem descendentes encontrados nas povoações bolivianas e em Pimenteiras, no Brasil.

Essa família era composta pelos irmãos: Agapito, Ariosto, Agaparto e Gil Toledo, pessoas de péssima índole. Eram conhecidos por serem indivíduos que gostavam de perpetrar atos de violência contra seres humanos. Mesmo tendo residência fixa, eram considerados bandoleiros e cometiam barbaridades inexplicáveis.

Os antigos habitantes relatam que a família Toledo nutria aversão por um homem chamado Barroso, pois ele era dedicado a uma divindade e possuía poderes extrassensoriais, sendo conhecido como "Ocultista" ou Curandeiro.

A família Toledo tinha como objetivo matar o curandeiro e o convidaram para uma festa na localidade de Rosário. Vizinhos de Barroso o alertaram para não comparecer, pois a família Toledo planejava sua morte, mas, sendo um homem muito corajoso, ele decidiu aceitar o convite.

No caminho, reza a lenda, Barroso recebeu um presságio ao passar por um velho cemitério. De repente, três gotas de sangue caíram sobre a lapela de seu terno, porém, desconhecendo ou menosprezando o sinal, continuou seu caminho.

Durante a festa, houve uma briga e Barroso foi muito agredido, além de ter sido baleado no peito. Seus agressores pensaram que ele havia morrido e o levaram de volta à Pescaria. No entanto, não morreu; ele estava sendo medicado de acordo com suas próprias orientações.

Quando já estava melhorando dos ferimentos, recebeu uma visita enviada pela família Toledo com a intenção de lhe pedir desculpas pelo ocorrido. Segundo relatos, eles tinham medo do curandeiro. No entanto, quem recebeu o emissário não foi Barroso, pois ainda estava adoentado. O vizinho que fez o atendimento ao emissário foi ríspido e disse que o pedido de desculpas era o rifle pendurado na parede. O emissário retornou aos Toledo e repetiu o recado como se o curandeiro tivesse proferido tais palavras.

Vale lembrar que a localidade de Pescaria tinha uma população com mais de cinquenta pessoas. No dia seguinte, após o recado errado, os Toledo invadiram a pequena comunidade e fuzilaram todos que encontraram pelo caminho, homens, mulheres, enfermos, assim como as crianças. Os únicos que sobreviveram foram os que não estavam na vila.

Quanto ao curandeiro, foi morto dentro de sua rede, sem ter tempo de entender o que estava acontecendo para poder alcançar seu rifle. Dizem que ele era um homem

extraordinário; se tivesse tido tempo de pegar o rifle, a história teria sido diferente, mas infelizmente o acaso interferiu e a história seguiu seu destino. Dizem que no local onde todos foram sepultados, até os dias atuais, é mal-assombrado.

Como se pode notar, as misturas de fuxicos com violência sempre foram muito perigosas. Essa terrível situação dizimou toda a pequena vila de Pescaria nos anos iniciais do século XX. Além disso, foi com essa característica de sanguinários que a família Toledo virou uma lenda no Vale do Guaporé. Em 2002, Matias Mendes, em expedição pelo Rio Guaporé, foi até o antigo povoado de Pescaria, onde ainda conseguiu localizar o cemitério das vítimas daquele terrível massacre.

4.6 As Lendas sobre o Real Forte Príncipe da Beira

Nos arredores da antiga fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira, permeiam uma miríade de lendas e mistérios, que abrangem desde tesouros supostamente enterrados até relatos intrigantes de indivíduos que experimentaram sonhos vívidos, vozes misteriosas e visões singulares.

Figura 4 - Canhões do Forte Príncipe da Beira ainda resistem ao tempo e as armas poderiam ser usadas em caso de invasão⁸



Foto: Cléris Muniz (2022).

O primeiro destes relatos remonta aos meados do século XIX, na localidade de Vila Bela da Santíssima Trindade. Uma pessoa ex-escravizada, vinculada a um militar que serviu nos derradeiros anos do Governo Imperial no Forte Príncipe, compartilhou com um de seus filhos a revelação sobre a localização de um tesouro enterrado nas imediações do Forte. Este filho, conhecido como Bibiano, foi incumbido com essa revelação.

Dado o estado de abandono que o Forte Príncipe experimentara ao longo de muitos anos, Bibiano, movido pelo desejo de desvendar esse mistério, convidou um amigo, Frutuoso Pé-de-Gancho, para embarcar em uma expedição em busca do tesouro. A jornada, não apenas longa, mas também repleta de perigos, envolveu a descida pelo

⁸Fonte: <https://rondoniaovivo.com/noticia/interior/2022/06/18/vale-do-guapore-uma-das-regioes-mais-bonitas-e-misteriosas-de-ro-pelas-lentes-da-maquina-fotografica.html>

Rio Guaporé, partindo de Vila Bela em direção ao Forte Príncipe da Beira, utilizando uma canoa como meio de transporte.

Ambos detinham todas as informações acerca da localização do suposto tesouro, no entanto, conforme reza a lenda, o amigo de Bibiano revelou-se um indivíduo de caráter questionável e malévolo. Em determinado momento da jornada, percebendo que o companheiro estava obcecado pela ideia do tesouro, Frutuoso Pé-de-Gancho chegou à preocupante conclusão de que poderia ser alvo de um ato violento por parte de Bibiano. Contudo, ao desenterrarem o que supostamente era o tão almejado tesouro, a desilusão foi avassaladora: em vez de prata e ouro, depararam-se com uma quantidade significativa de carvão.

Relatos afirmam que, se não fosse a ambição de Frutuoso Pé-de-Gancho, o resgate desse ouro teria sido possível, haja visto todas as informações citadas pela velha ex-escrava estarem certas. Muitos afirmam que realmente existe um tesouro enterrado no mesmo local, protegido por duendes, seres lendários com poderes sobrenaturais que costumam cuidar de riquezas perdidas, assim como escondê-las.

Como segundo dos muitos mistérios que existem, uma situação interessante aconteceu em 1957, quando três militares – o Cabo Vicente, o Soldado Hélio e o Soldado França - tiveram um sonho igual com o mesmo homem, tipicamente europeu, que lhes dava orientações de uma certa sala localizada nas galerias subterrâneas do interior do Forte.

Em nenhum momento dos referidos sonhos era mencionada a palavra riqueza ou tesouro, porém a exigência era que somente os três deveriam ir até o local, como também o horário teria que ser à noite. Ou seja, ninguém mais deveria saber sobre o assunto, no entanto, devido às regras de obediência militar, os três resolveram falar com o comandante sobre o assunto.

Tudo deveria ser sigiloso, contudo, houve muita repercussão pública e alvoroço, além disso, foi montada uma expedição até o local evidenciado nos sonhos dos três militares, no entanto, em horário contrário, durante o dia. Em resumo, nada foi encontrado, apenas decepção.

Relatos da época dizem que os três homens foram descidos na galeria, lá seguiram por direções diferentes, mas investigações feitas trinta anos depois por um grupo da Expedição Cabala relataram que não havia possibilidade de caber um homem de porte pequeno.

Matias (2007) afirma que o Soldado França foi levado por ele mesmo de volta ao mesmo local do fato e ele não se lembrava de nada, nem de reconhecer o lugar. Então chegou à conclusão de que os três haviam tido uma alucinação coletiva.

O autor relata que, de alguma forma, algo estranho aconteceu naquela manhã de 1957, visto que o primeiro militar foi levantado do subterrâneo fisicamente em choque; o segundo estava desacordado e o terceiro muito assustado. Em outras palavras, nenhum deles sabia dizer o que de fato aconteceu.

Matias (2007) destaca que se realmente existe algum tesouro enterrado no Forte, provavelmente não seja ouro ou prata, mas sim documentos da época, haja vista que aquela fortaleza é uma verdadeira obra de arte da engenharia militar. Outro acontecimento relatado pelo autor, mais recente, aconteceu em 1983. Matias havia conhecido um professor de história na Escola de Primeiro Grau General Sampaio, na qual também estudou quando ainda era adolescente.

Em uma conversa rápida sobre o Forte, o historiador, que também era militar, cujo nome não é revelado na narrativa, contou para Matias que logo que chegou do Rio de Janeiro esteve no Forte Príncipe de Beira e recolheu das ruínas algumas pedras. Elas seriam enviadas para um amigo no Rio assim que pudesse, pois queriam analisá-las. Então resolveu trancá-las em um cômodo da casa que não entrava com frequência e guardou as chaves.

Sua esposa não sabia da existência dessas pequenas rochas, mas num determinado dia disse ao marido que as devolvesse para o lugar de onde as havia retirado. O historiador, sem entender como ela sabia da existência desses fragmentos, foi questioná-la. Ela disse que há dias estava sendo perturbada com barulhos estranhos pela casa e que ouvia vozes pedindo para devolver as pedras para seu devido lugar.

Por algum tempo relutou, mas também começou a ser incomodado todas as noites, sem contar que o estado emocional da esposa já estava apresentando um certo desequilíbrio. Por causa disso, resolveu devolvê-las para o lugar de origem. Desde então nunca mais ouviram barulhos estranhos dentro de casa, assim como as noites voltaram a ser tranquilas.

4.7 A Maldição do Real Forte Príncipe da Beira

Figura 5 - Real Forte Príncipe da Beira⁹.



Fonte: IPHAN, Publicada em 19 de dezembro de 2018.

Os antigos guaporeanos acreditam que o Forte Príncipe, assim como a Vila Bela da Santíssima Trindade, foi amaldiçoado para nunca mais progredir. Dizem que existiu um provável padre prisioneiro no Forte e que ele faleceu na masmorra. No entanto, Matias Mendes ressalta em seu livro não haver comprovação documental da existência desse padre.

Diversamente, Dom Francisco Xavier Rey, já falecido, de Guajará-Mirim,

⁹ O Real Forte Príncipe da Beira faz parte do Conjunto de Fortificações candidato a Patrimônio Mundial da UNESCO. Com um perímetro de mais de 900 metros, é uma das maiores obras edificadas pela engenharia militar portuguesa no Brasil Colonial. Está localizado às margens do rio Guaporé, em Costa Marques, uma região estratégica para a defesa das fronteiras entre o Brasil e a Bolívia, disputadas por Espanha e Portugal, durante o período do Brasil Colonial, no século XVII. <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4950/real-forte-principe-da-beira-em-rondonia-esta-em-obras-de-revitalizacao>- acessado em 07/01/2024.

demonstrava acreditar nessa crença popular, tendo em vista que ele abominava o Forte Príncipe. Sempre que tinha que cumprir com suas obrigações, não demorava por lá e seu bom humor sumia repentinamente. Se chegasse a precisar pernoitar, ia para Conceição, na residência de um amigo, Mestre Anacleto, que ficava bem longe do Forte, ou em qualquer casa de um ribeirinho, porém bem longe de lá.

A lenda dessa maldição deixava Dom Francisco bem desconfortável, não se sabe o motivo, se pelo fato de ter ouvido motivos políticos, ou, até mesmo, por uma carta deixada por um jesuíta:

Contra mim, suposto tenha sido menor a fúria por estar no sertão, todavia se tirou na nova povoação de Salto Grande, búa averiguação de couzas que nunca pensei as se tem publicadas como certas nesta capitania do Pará. Isto se referem os que de lá vem e talvez já tenham chegado aos ouvidos de V.R. Eu, não obstante o saber quão poucos são os que se conhecem, estou tão seguro na minha consciência que não duvidei ao subir da Missão recorrer ao preceito do Evangelho e sacudir o pó dos sapatos diante dos que na ocasião ali se achavam e o mesmo farei ao sabir da capitania. Seja feita em tudo a vontade do Senhor. A minha retirada bé para São Pulo e dali para o Rio de Janeiro (Mendes, 2007, p. 142).

Por fim, é bem provável que Dom Rey tivesse suas razões religiosas para se distanciar do Forte, mas não existe comprovação sobre nada dessa lenda, pois não se tem provas de que um dia um padre ficou preso naquele lugar. Pessoas dizem que o tal sacerdote lançou a maldição, deixando-a escrita em Latim nas paredes da masmorra, no entanto, não se sabe onde.

O que se sabe é que realmente a decadência do lugar aconteceu, e nunca mais nada foi desenvolvido no Forte Príncipe da Beira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Produção e recepção do texto literário, focaliza a obra do escritor local Matias Mendes, concentrando-se na investigação das lendas que permeiam o Vale do Guaporé, em Rondônia. O objetivo primordial é abordar essas narrativas como elementos fundamentais do patrimônio cultural dessa comunidade, situando-as no contexto amazônico.

As lendas amazônicas retratadas de maneira vívida e encantadora por Matias Mendes desempenharam um papel fundamental no fortalecimento da identidade cultural da região de Rondônia. Ao redirecionar o olhar para as narrativas "reais" locais, em contraposição a histórias distantes da região amazônica, os habitantes puderam reconhecer e valorizar suas próprias tradições e mitos.

Essas lendas e mitos locais, abordados por Matias Mendes e estudados durante a pesquisa, constituem uma parte intrínseca da história da comunidade do Guaporé. Funcionam como pontos de conexão entre os membros da comunidade, promovendo um senso de pertencimento e coesão social.

Além disso, as lendas e mitos destacados no trabalho de Matias Mendes se distinguem pela sua singularidade, desviando-se das expectativas comuns. Essa originalidade das narrativas contribui para a riqueza e diversidade cultural da região, enriquecendo o tecido social e incentivando o orgulho cultural entre os habitantes de Rondônia. Assim, as lendas não apenas enriquecem o patrimônio cultural, mas também desempenham um papel crucial na formação e no fortalecimento da identidade comunitária em Rondônia.

O estudo desloca o foco das lendas comumente exploradas na Amazônia para uma região menos habitada, mas dotada de intensos mistérios que a tornam objeto de visitas e estudos frequentes. A pesquisa reforça a importância das lendas na construção da identidade cultural e coletiva dos caboclos do Guaporé, apresentando, por meio delas, um reflexo da formação do povo brasileiro, onde características dos portugueses, indígenas e africanos entrelaçam-se de maneira notável.

As lendas do Guaporé, entrelaçadas, surgem como elementos fundamentais na construção do patrimônio cultural da comunidade do Vale do Guaporé. Essas narrativas não apenas enriquecem a herança cultural, mas também desempenham um papel crucial

na transmissão de valores, tradições e identidade ao longo das gerações. Ao se entrelaçarem, formam um tecido narrativo único que caracteriza a rica tapeçaria cultural da região, destacando a relevância das lendas como testemunhas vivas da história e do imaginário coletivo local.

A presença de mitos cristãos europeus na cultura local é evidenciada pela afirmação de Luís da Câmara Cascudo de que "Todos os mitos cristãos nos vieram de Portugal, desfigurados pela impressão popular." (Cascudo, 2006), sugere que, ao longo do tempo, esses mitos foram alterados pela transmissão oral e adaptações locais. As narrativas que envolvem almas penadas, tesouros em sonhos e manifestações sobrenaturais mostram a incorporação desses elementos mitológicos na cultura brasileira, em especial a comunidade do Vale do Guaporé.

A descrição de fenômenos sobrenaturais, como gritos, luzes, correntes e casas mal-assombradas, revela a presença de mitos europeus reinterpretados e amalgamados à tradição local. Essa interação entre as crenças trazidas pelos colonizadores e a diversidade do contexto brasileiro resultou em uma manifestação cultural única, onde os mitos cristãos foram reelaborados, criando uma mescla peculiar de elementos sobrenaturais na cultura popular do Guaporé. Além disso, o Forte Príncipe da Beira é um local que abrigou uma prisão e alguns prisioneiros morreram, e a população sente e escuta a sua presença.

A história e as lendas associadas à colonização do Vale do Guaporé, assim como a influência dos mitos cristãos europeus reinterpretados localmente, podem ser consideradas parte integrante do patrimônio cultural da região. Esses elementos desempenham um papel significativo na construção da identidade cultural e na preservação da memória coletiva do Vale do Guaporé.

Algumas maneiras pelas quais esses aspectos podem ser considerados patrimônio cultural incluem o vínculo com a História Regional e a história da colonização, destacando as descobertas de ouro pelos bandeirantes, que representam um capítulo fundamental na formação do Vale do Guaporé. Esses eventos históricos ajudam a compreender as raízes da comunidade local, estabelecendo uma conexão entre o passado e o presente. A influência dos mitos europeus, adaptados à realidade local, reflete o processo de sincretismo cultural, onde diferentes tradições se fundem para criar uma identidade cultural única. Essa mescla de elementos contribui para a diversidade e riqueza do patrimônio cultural do Vale do Guaporé.

Os mitos e lendas da Amazônia desempenham um papel fundamental na alimentação de uma variedade de valores culturais e sociais, que perpetuam tradições essenciais para a sociedade. Entre esses valores são o respeito pela natureza que se constituem como pilares centrais dessas narrativas. Muitas lendas e mitos amazônicos ressaltam a conexão profunda entre os seres humanos e o ambiente natural, realçando a importância de preservar e respeitar o meio ambiente.

Outro valor realçado na pesquisa é a solidariedade e a cooperação entre os membros da comunidade que frequentemente enfrentam desafios que só podem ser superados com a ajuda mútua e o trabalho em equipe, transmitindo a mensagem de que a união fortalece a comunidade e que juntos somos mais fortes.

A resiliência diante das adversidades e a presença de superstições são aspectos presentes nas histórias das lendas e mitos. Refletindo a realidade desafiadora da vida na Amazônia, essas histórias destacam a resiliência necessária para enfrentar os perigos da grande floresta.

Os mitos e lendas do Vale do Guaporé desempenham um papel crucial na preservação da cultura e história das comunidades guaporeanas ao transmitir histórias ancestrais de geração em geração, que ajudam a manter viva a identidade cultural e o patrimônio histórico do povo amazônico, fortalecendo os laços comunitários e reforçando aspectos fundamentais de sua identidade.

REFERÊNCIAS

ABELLA, S. I. S., & RAFFAELLI, R. (2012). As Estruturas Antropológicas do Imaginário de Gilbert Durand em Cinco Pinturas de Arcimboldo. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, 13(102), 224-249. Disponível em: <<https://vlex.com.br/vid/antropologicas-gilbert-durand-arcimboldo-396254530>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2023.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. Território negro em espaço branco. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BORTOLOTTI, Chiara. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial na implementação da Convenção da (UNESCO) de 2003. *Revista Memória em Rede, Pelotas*, v.2, n.4, dez.2010 / mar. 2011, p. 9.

CAMPBELL, Joseph, 1904-1987. **O poder do mito** / Joseph Campbell, com Bill Moyers; org. por Betty Sue Flowers; tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CARNEIRO, Henrique Figueiredo. Banalização do patrimônio cultural material e consequências perversas para a vida na cidade. *In: MARTINS, Clerton (Org.). Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar*. São Paulo: Roca, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

DURAND, G. **A imaginação simbólica**. Portugal: Edições 70. 1997

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. *In: ABREU, R; CHAGAS, M. (Orgs.). Memória e patrimônio*. Ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GONDIM, N. **As lendas do Guaporé**: histórias amazônicas de Matias Alves Mendes.

KRUGER, M. F. O impacto da cultura no conto da colonização amazônica: um estudo sobre as novelas de Tobias Monteiro e Samuel Benchimol. Universidade Federal do Amazonas, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Portugal: Edições 70, 1978.

MENDES, Matias. **Lendas do Guaporé**. São Paulo: Scortecci, 2007.

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. Identidade cultural. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/identidade-cultural.htm>>. Acesso em: 04 de janeiro de 2024.

VIANA, Nildo. Dossiê – Olhares do Fenômeno Religioso e do Mito. **Revista Cronos**, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, Natal, v. 12, n.1, p. 79-89, jan./jun. 2011, ISSN 1518-0689. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/cronos/issue/view/212>>. Acesso em: 07 de outubro de 2023.



UPF

UNIVERSIDADE
DE PASSO FUNDO

UPF Campus I - BR 285, São José
Passo Fundo - RS - CEP: 99052-900
(54) 3316 7000 - www.upf.br